

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS SERTÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELIZANGELA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA
COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO, ÁGUA BRANCA - ALAGOAS**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

ELIZANGELA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA
COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO, ÁGUA BRANCA - ALAGOAS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho

(Volume I)

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S237e Santos, Elizangela dos

Educação de jovens e adultos e a educação quilombola na Comunidade Moreira de Baixo, Água Branca – Alagoas / Elizangela dos Santos. – 2019.

82 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Educação de Jovens e Adultos – EJA. 2. Formação docente. 3. Comunidade quilombola. 4. Moreira de Baixo - Água Branca – Alagoas. I. Título.

CDU: 37.018.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELIZANGELA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA
COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO**

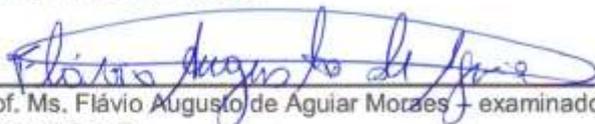
Monografia apresentada à Universidade
Federal de Alagoas Campus Sertão, como
parte da avaliação final para obtenção do título
em licenciatura plena em pedagogia.

Orientador: Prof: Dr. José Ivamilson Silva Barbalho

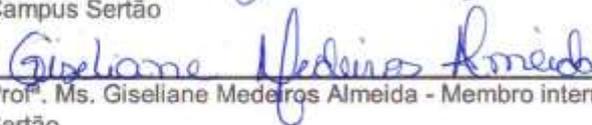


Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho – UFAL - Campus do Sertão (orientador)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Flávio Augusto de Aguiar Moraes – examinador externo – UFAL -
Campus Sertão



Prof. Ms. Giseliene Medeiros Almeida - Membro interno – UFAL - Campus
Sertão

DEDICATÓRIA

Dedico, as minhas filhas Alana e Rafaela, pela tolerância das horas que estive ausente de seus convívios, faltando carinho, atenção, e paciência, que um filho tem direito e merece, ao meu marido Adailton a quem sou grata, aos meus pais por todo apoio, ao meu sobrinho, Breno Ferreira da Silva (In memoriam)

AGRADECIMENTOS

A finalização deste trabalho representa o encerramento de um ciclo em minha vida, não foi fácil chegar até aqui, foi um longo processo cheio de renúncias, tristezas, incertezas, alegrias, agora só tenho a agradecer a todos aqueles que me deram forças para continuar em busca da realização dos meus sonhos.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para concluir essa longa jornada. A minha família que sempre acreditou no meu potencial, aos meus queridos pais, Euclides e Maria José que sempre me incentivaram a estudar e pela estrutura familiar de amor que sempre me proporcionaram.

Agradeço imensamente a minha irmã Elizabete, ao meu cunhado José Ferreira e minhas sobrinhas, Jéssica e Bruna que me deram apoio nas horas difíceis, cuidando da minha filha com carinho, amor e dedicação.

Em especial ao meu marido e companheiro Adailton, pelo apoio incondicional, que apesar de todas as dificuldades, sempre me deu apoio e me fortaleceu nos momentos que me sentia desestimulada, não me deixando desistir, a minha filha Alana, que por muitas vezes sentia falta da presença da mãe, por conta da ausência durante as realizações dos trabalhos e viagens, a minha querida filha Rafaela que veio concluir essa etapa em nossas vidas.

Ao meu orientador Ivamilson, pelo apoio e confiança.

Enfim, a todos os meus amigos da turma de pedagogia que tive a oportunidade de conhecer e que vão continuar fazendo parte do meu ciclo de amizades, a todos os professores que contribuíram com a minha formação.

Ando devagar porque já tive pressa, e levo esse sorriso, porque já chorei de mais, hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe, só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou Nada sei (...) (Tocando em frente, Almir Sater)

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de analisar as dificuldades encontradas pelo professor da educação de jovens e adultos em relação à busca da qualidade do ensino diferenciado, verificar a adequação dos materiais disponibilizados para os discentes, identificar se há formação inicial e continuada para os professores da educação de jovens e adultos, compreender como a educação escolar quilombola está sendo contemplada na educação de jovens e adultos na comunidade Moreira de Baixo. A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, e exploratória, teve como instrumentos de pesquisa o questionário e entrevista, a mesma foi realizada com três moradores mais antigos do quilombo Moreira de Baixo, com o intuito de saber como se deu a formação histórica desta localidade, com intenção de conhecer, de que maneira vive esta população nos dias atuais. Os dados que foram coletados através do questionário, foram obtidos com três professoras que atuaram na EJA do primeiro segmento. A Educação de Jovens e Adultos é uma história repleta de projetos, com diversas ideias, sempre com a intenção de alfabetizar os jovens e adultos que por alguma razão não concluíram os estudos ou não foram alfabetizados na idade “correta” e que necessitam em sua maioria, melhorar suas oportunidades de inclusão no mercado de trabalho, por isso buscam a EJA, com intuito de elevar a escolaridade, tendo em vista, que é uma forma desse público obter uma mudança expressiva em suas vidas. Está alfabetizado é uma necessidade dos moradores do quilombo, visto que, tornou-se pré-requisito para obter oportunidades de trabalho e para que os mesmos se tornem indivíduos críticos e ativos, tomando suas próprias decisões. A pesquisa foi baseada em estudos bibliográficos e na pesquisa de campo, do tipo estudo de caso. Os resultados obtidos na pesquisa demonstram que falta formação para os professores e as possíveis causas para a evasão escolar, são devido a dificuldade de conciliar o trabalho e os estudos, a inadequação dos materiais didáticos que são ofertados aos discentes da EJA.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; Quilombo; Formação de Professores.

ABSTRACT

The present work was carried out with the objective of analyzing the difficulties encountered by the teacher of the education of young people and adults in relation to the search for the quality of the differentiated education, to verify the adequacy of the materials available to the students, to identify if there is initial and continued formation for the teachers of youth and adult education, to understand the education of young people and adults, and their developments in quilombola school education in the Moreira de Baixo community. The approach used in the research was qualitative, and exploratory, had as research instruments the questionnaire and interview, the same was done with three older inhabitants of the Moreira de Baixo quilombo, in order to know how the historical formation of this locality was given, with the intention of knowing, in what way this population lives in the present day. The data that were collected through the questionnaire were obtained with three teachers who worked in the EJA of the first segment. Youth and Adult Education is a story full of projects, with many ideas, always with the intention of literacy for young people and adults who for some reason did not finish their studies or were not literate at the "right" age and who mostly need it, improve their opportunities for inclusion in the labor market, so they seek the EJA in order to raise schooling, in view that it is a way for this public to achieve a significant change in their lives. Being literate is a necessity of quilombo residents, since it has become a prerequisite for job opportunities and for them to become critical and active individuals by making their own decisions. The research was based on bibliographic studies and field research, of the case study type. The results obtained in the research show that there is a lack of training for teachers and the possible causes for school dropout, due to the difficulty of reconciling work and studies, the inadequacy of the didactic materials that are offered to the students of the EJA.

Keywords: Youth and Adult Education; Quilombo; Teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Artesanato das irmãs Gonçalves.....	73
Figura 2: Barreiro	73
Figura 3: Cisterna de placas	74
Figura 4: Coleta de lixo	74
Figura 5: Escola	74
Figura 6: Escola	75
Figura 7: Forno de cal	75
Figura 8: Horta	75
Figura 9: Igrejas	76
Figura 10: Planta da escola	76
Figura 11: Vista parcial da comunidade.....	76
Figura 12: Certidão de auto identificação	81
Figura 13: CNPJ da comunidade Moreira de Baixo.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formação das professoras	16
Quadro 2: Comunidades quilombolas certificadas em Água Branca.	48
Quadro 3: Comunidades quilombolas em Alagoas.	77
Quadro 4: Comunidade em processo de reconhecimento.	80
Quadro 5: Análise do questionário/ questão 1.....	55
Quadro 6: Questão 2.....	56
Quadro 7: Questão 3.....	56
Quadro 8: Questão 4.....	57
Quadro 9: Questão 5.....	57
Quadro 10: Questão 6.....	58
Quadro 11: Questão 7.....	59
Quadro 12: Questão 8.....	60
Quadro 13: Questão 9.....	60
Quadro 14: Questão 10.....	61
Quadro 15: Questão 11.....	62
Quadro 16: Questão 12.....	62
Quadro 17: Questão 13.....	63
Quadro 18: Questão 14.....	64
Quadro 19: Questão 15.....	65
Quadro 20: Resultado final.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL – Alagoas

Art. – Artigo

CF – Constituição Federal

CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

CTB - Código de Trânsito Brasileiro

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITERAL - Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PAS – Programa de Alfabetização Solidária

PBA - Programa Brasil Alfabetizado

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 Um breve relato histórico da educação de jovens e adultos no Brasil	19
2.2. Educação de Jovens e Adultos na Educação Escolar Quilombola	26
2.3. Formação de professores da EJA	27
2.4. Formação para professores quilombolas	28
2.5. Infantilização nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.....	31
3. CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO	37
3.1. Como era o acesso à educação no quilombo Moreira de Baixo.....	39
3.2. Como viviam os moradores do quilombo	42
3.3. Como Vivem os Habitantes do Quilombo Moreira de Baixo.....	44
3.4. O que se tem no quilombo Moreira de Baixo.....	49
3.5.Aspectos culturais.....	51
3.6.Aspirações da comunidade	51
4. RESULTADOS	55
4.1.Resultado da análise.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	71
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES MAIS ANTIGOS DO MOREIRA DE BAIXO	72
ANEXOS	77

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de analisar as dificuldades encontradas pelo professor da educação de jovens e adultos em relação à busca da qualidade do ensino diferenciado na comunidade Moreira de Baixo. Apresentamos um levantamento histórico e político sobre a EJA, visto que, essa modalidade de ensino, destina-se ao público que não teve acesso à educação escolar na idade “correta”, possibilitando novas oportunidades a essa população.

Com intuito de ocasionar uma discussão em relação às dificuldades encontradas pelo professor da educação de jovens e adultos, em relação à busca da qualidade do ensino que está sendo vivenciada na comunidade quilombola Moreira de Baixo.

Podendo assim analisar as situações encontradas pelo professor da educação de jovens e adultos, quanto à busca pelo aperfeiçoamento do ensino diferenciado e, desta forma, conseguir entender como se desenvolve essa prática de ensino, suas especificações e demandas.

Também tivemos como objetivo, verificar a adequação dos materiais disponibilizados para os discentes, identificar se há formação inicial e continuada para os professores da educação de jovens e adultos, compreender como a educação escolar quilombola está sendo contemplada na educação de jovens e adultos na comunidade Moreira de Baixo. Dando ênfase para a formação dos professores da EJA, assim como para os docentes da educação escolar quilombola. Uma vez que, é essencial ter formação inicial e continuada para proporcionar educação escolar, que irá contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dessa modalidade, que vem ocorrendo ao longo da história. Analisamos o primeiro capítulo do livro didático, é bom aprender/ educação de jovens e adultos com o intuito de conferir se há conteúdos infantilizados.

Segundo Bardin, “análise de conteúdo, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”. (BARDIN, 1977, p.46)

Para entender melhor as origens do quilombo Moreira de Baixo, foi realizado um estudo de campo, sobre como ocorreu a formação da comunidade, e uma descrição de como era a educação escolar no quilombo, isto é, de que maneira viviam

estes moradores, suas principais fontes de renda, os meios de transportes, expressões culturais e religiosas.

Apresentamos, também, aspectos de como estão vivendo atualmente os habitantes da comunidade, relatando as principais demandas dos moradores. Caracterizamos, os tipos de moradias, as festas que acontecem; o que a população deseja alcançar para o futuro do Moreira em relação aos seus direitos. Deste modo, podemos fazer com que os problemas enfrentados por estas pessoas se tornem explícitos e assim ter a possibilidade de conseguir provocar uma discussão, em torno do que pode ser contemplado, dentro da educação escolar que está sendo ofertada. Nesse contexto, foram realizadas pesquisas com alguns dos moradores mais antigos da comunidade, em busca de respostas referentes a história da comunidade, quais foram os primeiros moradores, como se dava o acesso à educação escolar no quilombo e de que modo subsistiam nessa época.

O método escolhido foi o estudo de caso, “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado (...)” (GIL, 2008, p.57)

A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, onde à coleta de Informações foi obtida através de questionário. Segundo Gil podemos explicar o questionário da seguinte maneira:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008,

O questionário realizado com as professoras, foram com perguntas abertas, o qual possibilita os docentes a responderem de forma livre possibilitando aos mesmos exprimir suas opiniões.

Alguns dados estão apresentados em forma de quadro, para facilitar a leitura e o entendimento das informações que estão dispostas na mesma.

Conforme Marconi, Lakatos:

É bom auxiliar na apresentação dos dados, uma vez que facilita, ao leitor, a compreensão e interpretação rápida da massa de dados, podendo, apenas com uma olhada, apreender importantes detalhes e relações. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p.169)

O questionário intercorreu com três professoras, do município de Água Branca, Alagoas, onde foram realizadas perguntas sobre a formação inicial e continuada das docentes, material didático, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelas professoras, e se a escola proporciona formação sobre educação escolar quilombola.

Docente 1, possui formação em pedagogia, lecionou na EJA durante oito meses, antes da EJA trabalhou como professora por dez meses em uma turma multisseriada, que contemplava todas as séries desde à educação infantil, até o quinto ano do ensino fundamental, a mesma é quilombola, porém não mora mais na comunidade.

Docente 2, está cursando pedagogia, atuou como professora da EJA por 8 meses e na sequência, continuou por vinte e quatro meses com alfabetização de adultos, trabalhando com o programa PBA (Programa Brasil Alfabetizado) é quilombola e mora na comunidade.

Docente 3, está cursando pedagogia, lecionou como docente na EJA por um ano e oito meses, já tinha experiência com alfabetização de adultos, tem experiência com educação escolar infantil, é quilombola e mora na comunidade. A mesma disponibilizou um livro que foi utilizado durante o período que atuou como professora da EJA.

Formação das três entrevistadas quando atuaram como docentes do primeiro segmento na Educação de Jovens e Adultos.

QUADRO 1: FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS

Professores	Formação
Docente 1	Ensino médio, cursando pedagogia.
Docente 2	Ensino médio.
Docente 3	Magistério.

Fonte: Elizângela, 2019.

Iniciado pelo governo federal em 2003, o Programa Brasil Alfabetizado tornou a alfabetização de jovens e adultos um item prioritário na agenda educacional do Brasil. Essa modalidade é uma porta de acesso, para promover educação continuada no país.

No presente trabalho foi utilizado a pesquisa exploratória, por meio de livros, materiais disponíveis na internet, artigos, pesquisa de campo, através da realização de questionário com professoras da EJA e entrevista com os moradores mais antigos da comunidade.

De acordo com Gil:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. (GIL, 2008, p.44)

A pesquisa foi realizada em uma extensão de uma determinada escola, que está situada na comunidade quilombola Moreira de Baixo, Água Branca, Alagoas. As professoras foram escolhidas para a aplicação do questionário por serem as únicas que trabalharam com a EJA do primeiro segmento na comunidade.

De acordo com Gil, a entrevista é um método de coleta de informações mais usada no campo de atuação das ciências sociais. “A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano”. (GIL, 2008, p.110)

Segundo Gil:

A intensa utilização da entrevista na pesquisa social deve-se a uma série de razões, entre as quais cabe considerar:
a) A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
(...) o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; (Gil, 2008, p. 110)

A entrevista feita com os anciões do quilombo, possibilitou adquirir informações referentes aos remanescentes de quilombolas, que vivem nos dias atuais nesta localidade, a mesma foi escolhida para facilitar o entendimento das perguntas realizadas aos idosos, visto que a maioria não conseguem ler e escrever.

Foram utilizados alguns dados obtidos durante o estágio. O Estágio Supervisionado é uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional nº 9394/96 nos cursos de formação de professores, por ser um momento de fundamental importância no processo de formação dos docentes.

Foi aproveitada uma informação, sobre os conteúdos disponibilizados aos professores, em um planejamento que participamos durante a observação de estágio supervisionado.

Visto que a comunidade foi reconhecida oficialmente pela, Fundação Cultural Palmares em janeiro de 2015, surgiu o seguinte questionamento, como está sendo vivenciada a educação de jovens e adultos e seus desdobramentos na educação escolar quilombola?

O primeiro capítulo é uma breve apresentação do trabalho, onde à abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, e exploratória, teve como instrumentos de pesquisa o questionário e entrevista. O questionário foi realizado com três professoras e a entrevista com três moradores mais antigos do quilombo Moreira de Baixo. Foi realizada a análise do livro didático. Para fundamentar a metodologia escolhida recorri aos seguintes autores, Marconi e Lakatos, Gil, e Bardin

O segundo capítulo traz o surgimento da Educação de jovens e adultos, mostrando a importância e como se deu a realização deste ensino, desde a época dos jesuítas até os dias atuais. Para obter essas informações usei autores como, Paiva, Freire, Fumes e Cavalcante, Moura, Pimenta, Silva, Schwartz, Brasil, Tamarozzi, Basílio, e Bertoldo.

No terceiro capítulo, mostro as características da comunidade Moreira de Baixo, cujo propósito era saber como se deu a formação histórica desta localidade, visto que, os próprios moradores não conheciam a história do quilombo e devido a essa falta de conhecimento, surgiram outras versões que não condizem com a realidade. E com a intenção de conhecer, de que maneira vive esta população nos dias atuais.

O quarto capítulo é a análise das respostas que foram obtidas através do questionário com as professoras da EJA, onde busquei conhecer as dificuldades encontradas por as docentes entrevistadas, expondo os resultados alcançados com a pesquisa. No quinto capítulo são as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um breve relato histórico da educação de jovens e adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma Modalidade de Educação escolar para aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria, em cursos ou exames, habilitando o aluno/candidato ao prosseguimento de estudos em caráter regular (LDB, art. 37 e 38).

A lei de diretrizes e bases da educação, destaca:

Art. 37 A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A Educação de Jovens e Adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (parágrafo incluído pela Lei nº 11.741, de 16/7/2008).

Art. 38 Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º – Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – no nível de conclusão do Ensino Fundamental, para maiores de quinze anos;

II – no nível de conclusão do Ensino Médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º – Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A modalidade Educação de Jovens, Adultos é disponibilizada para os jovens e adultos, sem que haja a necessidade de pagar por esse ensino, a EJA é constituída como direito universal, reconhecido na Constituição Federal de 1988 – CF/1988.

A Constituição Federal, estabelece como princípio que toda e qualquer educação visa ao “(...) pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (CF, art. 205). Este princípio garante a universalização do direito à educação. Neste sentido, a EJA surge como modalidade

de ensino, ou seja, um meio para conseguir desenvolver igualdade em relação ao acesso à educação. “No decorrer dos anos, a concepção do direito à educação das pessoas jovens e adultas extrapolou o enfoque meramente etário e cada vez mais adentrou a esfera do direito à educação nos diferentes ciclos da vida”. (BRASIL, 2013) Estas considerações adquirem substância por representarem um diálogo entre a dívida social e princípios legais, fruto de conquistas e de lutas sociais, transformados em direito do cidadão e dever do Estado, uma vez que a CF em seu o artigo 208 deixa claro que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria”.

A EJA, de acordo com a Lei nº 9.394/96, passou a ser uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, possui especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente. “Na Educação Escolar Quilombola, a EJA deve atender às realidades socioculturais e aos interesses das comunidades quilombolas, vinculando-se a seus projetos de vida”. (BRASIL, 2013), é indispensável que haja respeito à diversidade dos estudantes das comunidades quilombolas.

Segundo Paiva 2003, a educação dos adultos teve início no Brasil durante o período da colonização, onde os jesuítas através do ensino das crianças, tentavam alcançar os pais, pois além de ter por propósito catequizar os indígenas adultos, pretendiam ensinar o português, para que dessa forma os mesmos se adaptassem a outra cultura que estava sendo imposta.

Como sabemos, através do ensino das crianças os jesuítas buscavam também atingir seus pais; além disso, era tentada a catequese direta dos indígenas adultos e nesses casos a alfabetização e transmissão do idioma português servia como instrumento de cristianização e aculturação dos nativos. (PAIVA, 2003, p.193)

No entanto, logo após ao período que deu início a colonização, não tinha mais relevância a educação para os indígenas adultos. Nessa fase não tinha importância a leitura e a escrita para o trabalho que os indígenas e os escravizados realizavam. A partir da transformação da situação econômica do império brasileiro é que nos deparamos com escolas.

Com a vinda do desenvolvimento que começou por volta de 1870, estabeleceu-se o aparecimento de escolas para adultos nas diferentes regiões, e elas se

expandiram desde os anos 80. Este crescimento, no entanto, não é fenomenal. O mesmo segue o progresso do sistema elementar no ensino em geral, até o início da primeira república.

Após a Primeira Guerra Mundial, a mobilização e, favor da educação popular engloba a educação dos adultos, que se beneficia levemente. Mas na verdade somente a partir da revolução de 30 encontraremos no país movimentos de educação de adultos de alguma significação. (PAIVA, 2003, p.193)

No entanto, os programas concretos de educação de adultos, surgiram com maior importância quando a intransigência política já tinha forçado muitos educadores a deixarem sua imparcialidade, para admitirem o papel da educação como possibilidade de divulgação de ideias e a necessidade da reconstrução do poder político e das bases sócio econômicas.

No distrito federal nos anos 1933 e 1935 houve uma experiência que teve um valor notável, aconteceu uma mudança na perspectiva política brasileira. Não se tratava somente de disputas entre grupos que dominavam pela influência política, não era mais unicamente uma luta pelo comando da política entre as elites, contudo, tratava-se de uma disputa entre os que possuíam o poder e os grupos que tinham como objetivo a total mudança das bases sócio econômica do país.

A medida que a posição política consentiu, que os professores deixassem o tecnicismo neutralista dos anos 20, os mesmos impulsionaram-se em nome de ideais liberais ou socialista. No entanto no Brasil a educação de adultos, foi o primeiro método educativo que não pôde ser levada adiante, pois notava-se a capacidade de influência que a educação exercia enquanto meio de propagação de ideias.

De acordo com Tamarozzi e Costa:

A partir dos anos 1940, começam a ser implementadas ações mais abrangentes no campo da EJA. Até então na maioria dos casos, a educação de adultos tinha um sentido salvífico e moralista, muito aproximado de um sentimento de caridade e missão em favor dos pobres. (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.12)

Pois, tornava-se mais resistente a ideia que a EJA estava surgindo com tendência a ter fim, com a resolução do analfabetismo. “Isso reforça a ideia de que a EJA esteve sempre aliada à concepção que já nascia com vocação para ser extinta, pois quando se erradicasse o problema do analfabetismo, ela estaria finalizada”.

(TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.12). No entanto, não foi isso que aconteceu, em 1990 a história mostra com convicção que a educação é um direito de todos, e cujo a EJA representa uma parte significativa no início deste século. Ainda de acordo com Tamarozzi, Costa:

Em 1990, a UNESCO institui a década da alfabetização, e mais tarde, em 1997, convoca a V conferência internacional de educação de adultos (V CONFINTEA), em Hamburgo (Alemanha). A partir dessa conferência, duas grandes discussões têm acompanhado a EJA: a inclusão do jovem nas discussões da educação de adultos (é a primeira vez que se usa oficialmente o termo EJA – incluindo jovem) e a ideia de uma educação continuada, ao longo da vida. (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.18)

Por influência de Paulo Freire, as políticas de EJA puderam desvendar as especificidades culturais, econômicas e sociais locais e regionais, divulgando assim, os problemas sociais existentes, bem como os potenciais existentes para a transformação a partir da atuação dos sujeitos integrados, enraizados em sua cultura.

De acordo com Moura:

O objetivo maior de Freire quando propôs o método para alfabetizar adultos era o de propiciar formas de ajudar a população analfabeta a organizar reflexivamente o pensamento de maneira a superar o seu pensamento “mágico”, ingênuo, passando para um pensamento lógico, abstrato, que pudesse ajudar no processo de construção de consciência crítica, no entendimento do que ocorria na sociedade em “fase de transição” e das possibilidades que os homens conscientes e organizados teriam na “rachadura” da sociedade. (MOURA, 2001, p.56)

Ainda hoje no Brasil há muitas pessoas que não conseguem ingressar na escola, e aqueles que tem a oportunidade de entrar, não consegue manter a sua permanência, pois o sistema de educação não ampara esses indivíduos que enfrentam todos os dias a discriminação, por não terem dado continuidade aos estudos na idade correta. É preciso que a escola compreenda que alunos da EJA vivem diante desses problemas, e que tais questões são vivenciadas diariamente tanto no âmbito familiar como na sociedade.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p.26)

Paulo Freire foi um dos pioneiros em benefício da educação de jovens e adultos e sempre lutou pelo fim da educação que privilegiava uma classe social economicamente mais favorecida, ou seja, a minoria que exerce poder e prestígio sobre a sociedade.

Para Freire o mais importante era que a educação tornasse os estudantes livres para conviver em harmonia com os integrantes de quaisquer classes sociais partindo da realidade e experiências dos alunos. Freire tinha convicção de que a alfabetização precisava ter conteúdo sociocultural. Para ele os adultos eram deixados de lado pelo sistema educacional, sendo considerados oprimidos porque não frequentaram a escola na idade correta.

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ação “cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo, opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (FREIRE, 1987, p.30)

Freire se preocupou com os analfabetos e desenvolveu o método de educação para jovens e adultos, levando em consideração a cultura local, a sua prática pedagógica fez com que as pessoas construíssem significados e valores a partir da sua alfabetização, fez com que os sujeitos acreditassem na mudança através da educação e tomar decisões próprias. Nesse sentido Moura afirma que:

Freire sempre defendeu que as práticas de alfabetização teriam que tomar o estudo da cultura como conteúdo básico, assim como deveria sempre partir da cultura dos sujeitos, levando-os a se compreenderem como seres culturais originários de uma cultura e produtores culturais. Defendendo que a existência do homem no mundo somente poderia ser explicada pelo domínio da sua cultura, do seu trabalho, da sua história, dos seus valores. (MOURA, 2001, p.59-60)

A partir do momento que o docente passa a ter essa compreensão e trabalha de acordo com a realidade dos alunos, facilita o entendimento e o desenvolvimento dos mesmos, “Desenvolver os conceitos e categorias necessárias à compreensão do mundo em que o trabalhador está inserido”. (MOURA, 2001, p.101), já que desta forma os discentes conseguem fazer relação entre o conteúdo estudado com fatos vivenciados no cotidiano dos mesmos.

Segundo Moura, (2001, p.81):

A concepção de alfabetização assumida por Freire e a forma como caracteriza os sujeitos e como defende a relação pedagógica e epistemológica entre eles, levou-o a desenvolvê-la como uma prática que vai além da apropriação do sistema de linguagem escrita, ou que se estende além da introdução do homem no mundo letrado. Ela deveria permitir que os sujeitos chegassem ao domínio da escrita sim, mas deveria, acima de tudo, propiciar modificações substanciais na forma de pensar e agir dos sujeitos, a fim de que pudessem, de forma consciente, se engajar nas instâncias organizativas da sociedade, possibilitando uma intervenção em busca de sua transformação.

Tendo em vista a sua importância na inclusão social, e a sua influência no resgate da cidadania, este seguimento de educação propicia oportunidades e ampliação da aprendizagem, que pode levar o estudante a desenvolver habilidades e princípios para tornar-se um indivíduo crítico e ativo.

Uma vez que é dever do Estado assegurar uma educação de qualidade a todos os cidadãos, o Ministério da Educação criou a secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, SECADI, cuja atribuição é desenvolver e colocar em execução políticas públicas educacionais, direcionadas para assegurar o direito a educação com qualidade e igualdade a todos os grupos que são tradicionalmente excluídos e que foram privados dos seus direitos básicos, assim como os quilombolas, as pessoas com quinze anos ou mais que não concluíram o ensino fundamental, indígenas, entre outros grupos.

No cenário atual, podemos constatar que, apesar de muitas lutas, acordos e leis, a EJA ainda tem um longo caminho a percorrer até se tornar um direito constituído e assumido pelos governos em todos os níveis. Ideias antigas como “erradicação do analfabetismo” e “cegueira”, por vezes até hoje acompanha as ações que se implementam pelo Brasil afora, o que demonstra que ainda há muito a fazer para se superar o caráter de campanha e avançar na construção de uma política pública que se sustente para além de um único governo. (TAMAROZI; COSTA, 2009, p.21)

A exclusão escolar no Brasil atinge, sobretudo, os grupos notoriamente que foram privados dos seus direitos básicos. “Pode-se considerar que o perfil dos alunos da EJA é fruto da desigualdade social, da situação de pobreza que vive a maioria da população e também pelo despreparo da escola para trabalhar com esse público”(…), (MOURA, 2008, p.145), isso indica que as desigualdades ainda existentes na sociedade brasileira impactam diretamente o sistema educacional e que, até hoje, o país tem tido dificuldades em dar respostas efetivas a esse problema por meio das políticas públicas.

Em Alagoas as autoridades demonstram pouca importância para a ampliação da educação escolar, segundo Lopes:

Alagoas não é diferente de outros Estados brasileiros, à educação escolar também surge a partir da necessidade do mercado de trabalho. Um Estado fundado sobre a base da monocultura da cana-de-açúcar e o trabalho escravo, não demonstra necessidade de escolaridade para os trabalhadores e seus filhos. (LOPES, 2008, p.98)

A EJA é normalmente procurada principalmente por jovens e adultos que permaneceram muito tempo sem estudar e que necessitam em sua maioria, melhorar suas oportunidades de inclusão no mercado de trabalho. “A necessidade do capital de ter recursos humanos com maior qualificação técnica provocou o acesso dos trabalhadores às redes regulares de ensino”. (BASILIO, 2011, p.20), pois sem uma formação profissional para competir no mercado de trabalho fica muito mais difícil, por causa da relação existente entre educação e trabalho, de acordo com Bertoldo:

Conclui que, sob a lógica do trabalho que produz mercadoria, a educação passa a significar o investimento individual, e não social, para a empregabilidade visando competir no mercado de trabalho que se apresenta cada vez mais escasso. (BERTOLDO, 2009, p. 52).

O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo (25% ou mais), sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, por meio do Ministério da Educação, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizando. Estados, municípios e o Distrito Federal podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União.

O programa tem como proposta abolir o analfabetismo no País. Ele tem uma boa oferta, mas tem as suas falhas que precisam ser revistas, pois propõe a alfabetização de jovens e adultos num período curto de tempo, os mesmos precisam sair do programa sabendo ler, escrever, compreender e interpretar textos e realizar as operações matemáticas básicas.

A Educação de Jovens e Adultos em Alagoas, apresentou diversos programas para ensinar aos jovens e adultos, porém esses programas surgiram inspirados em campanhas nacionais que defendem a ideia de ensinar a ler e a escrever em um curto espaço de tempo.

Registram-se as diversas campanhas desencadeadas em diferentes momentos da história da educação brasileira, como a de 1947, no governo de Gaspar Dutra, passando pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, durante a ditadura militar, até o Programa de Alfabetização Solidária – PAS, EM 1997, no governo Fernando Henrique Cardoso. (SEMED, 2014, S/P)

O Programa de Alfabetização Solidária, na década de 1990 esteve presente em mais de dois mil municípios e teve a participação de mais de 2000 mil instituições de ensino superior contribuindo com a formação das turmas estabelecidas nas cidades do interior. “O programa alfabetização solidária, que desenvolvia ações de alfabetização de jovens e adultos em cidades do interior do país, atendendo basicamente ao Norte e nordeste”. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.19)

2.2. Educação de Jovens e Adultos na Educação Escolar Quilombola

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, a EJA possui um tempo determinado para ser executada nas escolas, “(...) levando em consideração os conhecimentos da experiência de vida de jovens, adultos e idosos, ligada às vivências cotidianas individuais e coletivas, bem como ao mundo do trabalho”. (BRASIL, 2013, p.452)

De acordo com as diretrizes na Educação Escolar Quilombola, a EJA deve atender às realidades socioculturais e interesses das comunidades. Vivemos num mundo em que se fala constantemente de mudanças, de inovações e de novas metodologias, nesse contexto, a educação é um dos mais complexos desafios da sociedade contemporânea. Está ligada à conquista da cidadania, à consolidação das democracias, à participação social, à inserção no mundo do trabalho, à capacidade de inovar e produzir novos conhecimentos, à convivência pacífica e à tolerância, à qualidade de vida, entre tantos outros aspectos.

As propostas educativas de EJA na Educação Escolar Quilombola deverão ser realizadas numa perspectiva de formação ampla, favorecendo também o desenvolvimento de uma Educação Profissional que possibilite aos jovens, aos adultos e aos idosos quilombolas atuarem nas atividades socioeconômicas e culturais de suas comunidades com vistas ao fortalecimento do protagonismo quilombola e da sustentabilidade de seus territórios. (Brasil, 2013 p.453)

Nesse sentido, em todas as etapas e modalidades da Educação, o que inclui a Educação de Jovens e Adultos, a evidência da desigualdade torna necessárias políticas focadas nas populações com menos oportunidades. Não há soluções mágicas para a erradicação do analfabetismo. Portanto deve-se conscientizar e buscar melhorias para essa situação, levando em conta todas as especificidades das comunidades quilombolas.

2.3. Formação de professores da EJA

Falta formação inicial, para professores que desejam atuar na área da educação de jovens e adultos, percebe-se que as escolas de ensino na modalidade normal, têm como ponto mais importante, formar professores para o ensino da educação infantil e do ensino fundamental, visto que as escolas na modalidade normal, não oferecem disciplinas ou conhecimentos adquiridos através de experiências práticas, direcionadas para a EJA.

Sabe-se que a formação continuada é fundamental, mas que ela resente-se de uma base teórica sólida por parte dos educadores, que deveria ser proporcionada através de uma sólida formação inicial, principalmente considerando as peculiaridades dos jovens e adultos sujeitos da prática pedagógica a ausência da formação inicial traz como consequência vazios de saberes científicos e pedagógicos na trajetória profissional abrindo lacunas, as vezes, intransponíveis. (FUMES, CAVALCANTE, 2006 p.17).

Os professores que vão atuar nas salas de jovens e adultos necessitam de formação inicial e continuada, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, “(...) deverão ser criados espaços, condições de estudo e discussões sobre as lutas quilombolas ao longo da história, o papel dos quilombos nos processos de libertação e no contexto atual da sociedade brasileira, o respeito à diversidade religiosa e sexual, (...)”. (BRASIL, 2013, p.470). Nesse caso os mesmos vão ter a possibilidade de apoderar-se dos conhecimentos teóricos, que possibilitam a prática pedagógica desta modalidade de ensino. Fumes e Cavalcante, enfatizam que:

No início da década de 2000, denunciávamos (Moura, 2001) existir um silêncio das escolas de ensino normal e das instituições de ensino superior, em torno de seus currículos e oferta de disciplinas, voltadas para a formação Inicial, bem como existência de lacunas em relação às políticas de formação continuada por parte das Secretarias de Educação Municipais e Estadual, para os professores que atuavam na Educação de Jovens e Adultos. (FUMES, CAVALCANTE, 2006 p.14)

De acordo com (Barros 2003), na sua pesquisa de mestrado, onde buscou informações em documentos e a partir da prática de observação em volta da legislação dos currículos e em relação a formação inicial dos docentes da EJA. Tanto as universidades públicas quanto as privadas, no currículo do curso de pedagogia, até aquele exato momento não havia, uma atenção maior em relação a formação de professores, para a Educação de Jovens e Adultos. Em apenas uma das universidades privadas no curso de pedagogia, apareceu como eletiva a matéria Educação de Jovens e Adultos. Conforme Moura:

O “silêncio permitido” por parte das instituições de ensino superior e de ensino médio em relação a formação inicial básica de profissionais para a alfabetização e a educação de pessoas jovens e adultas é decorrente de um modelo que não contempla uma formação para o professor alfabetizador de jovens e adultos. (MOURA, 2005, p.75)

Desta forma as instituições acabam por desenvolverem projetos que contemplam a formação continuada, empenhando-se para suprir a carência de conhecimentos dos profissionais que atuam como professores nas salas de jovens e adultos.

2.4. Formação para professores quilombolas

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, a educação escolar quilombola fundamenta-se nas tradições culturais, nas comemorações, memória coletiva, a forma característica que alguns remanescentes quilombolas utilizam a linguagem, conhecimentos que são transmitidos pelos moradores mais antigos das comunidades para os mais jovens, as tradições que fazem parte da cultura das comunidades quilombolas.

Ao se analisar a realidade educacional dos quilombolas, observa-se que só o fato de uma instituição escolar estar localizada em uma dessas comunidades ou atender a crianças, adolescentes, jovens e adultos residentes nesses territórios não assegura que o ensino por ela ministrado, seu currículo e o projeto político-pedagógico dialoguem com a realidade quilombola local. Isso também não garante que os profissionais que atuam nesses estabelecimentos de ensino tenham conhecimento da história dos quilombos, dos avanços e dos desafios da luta antirracista e dos povos quilombolas no Brasil. (BRASIL, 2013, p.427)

O professor quilombola necessita de formação inicial e continuada para se apropriar do conhecimento quilombola, a fim de possibilitar uma educação que irá ajudar no desenvolvimento, na perspectiva da emancipação humana e na superação das desigualdades relacionadas a educação que vem acontecendo ao longo da história e que atinge essa população.

Sabe-se que, atualmente, parte dessa demanda de formação inicial de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola tem sido coberta por alguns cursos de Formação de Educadores do Campo; porém, isso ainda não é suficiente para atender às reivindicações e às demandas das comunidades quilombolas. (BRASIL, 2012, p.53)

Sem possuir informação e qualificação para trabalhar como docentes, a maioria dos professores que estão atuando em comunidades quilombolas, moram na cidade e não possuem conhecimento da realidade histórica vivida por esta população. Desta forma os alunos e a comunidade acabam por se prejudicar, pois, tradições que poderiam ser resgatadas, acabam por serem esquecidas. “Nas diversas regiões do país, muitos docentes que atuam em escolas localizadas em territórios quilombolas rurais residem em área urbana e mantêm pouca ou nenhuma relação com essa realidade”. (BRASIL, 2012, p.51)

É imprescindível conhecer e entender a realidade e as especificidades das comunidades remanescentes de quilombo, para trabalhar com os discentes as questões históricas, sociais e culturais dos mesmos.

A CONAE (2010, p. 133), no eixo VI do Documento Final, propõe “pensar as políticas públicas que concorram para a justiça social, educação e trabalho, considerando a inclusão, a diversidade e a igualdade de forma concreta e radical”, para que os quilombolas possam:

h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (SILVA, 2015, p. 50 - 51)

O professor que mora na comunidade quilombola, já conhece a situação real dos discentes, e o laço social que envolve esse docente e a cultura local são indissociáveis, além disso o mesmo já passou por esse processo de educação e pode ter o entendimento de como escolher estratégias para trabalhar com esses estudantes.

O educador precisa trabalhar a negação da identidade negra por parte desses alunos e fortalecer a cultura dos mesmos, isso não significa que o docente irá apresentar apenas os valores e os conceitos desta população. Mas sempre partir da realidade do aluno para que o estudante se aproprie do conhecimento e possa desenvolver novas aprendizagens.

O campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia. (PIMENTA, 2001, p.116)

Isto nos leva a compreender que, através dos conhecimentos científicos, podemos deixar claro os objetivos e as maneiras de intervenções metodológicas que estão envolvidas no processo de transmissão e apropriação de saberes e na maneira de ação, contribuindo para a formação dos discentes.

Na Educação Escolar Quilombola, a EJA deve atender às realidades socioculturais e aos interesses das comunidades quilombolas, vinculando-se a seus projetos de vida. A proposta pedagógica da EJA deverá ser contextualizada de acordo com as questões históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das comunidades quilombolas. (BRASIL, 2013 p. 449).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, torna-se necessário que os governantes realizem levantamentos sobre, aspecto, situação de trabalho e formação de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola no Brasil.

Ao realizar esse levantamento os municípios poderão identificar e propiciar formação para aqueles que ainda não concluíram a educação básica e estão trabalhando nas instituições de ensino como professores e formação superior para quem já cursou o ensino médio.

Diante da publicação da Lei nº 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e professoras e supervisionar o cumprimento das Diretrizes.(BRASIL, 2010, p.19)

Para que nesse sentido possa ser desenvolvido e colocado em prática programas de formação inicial para docentes em licenciatura que atuam em escolas quilombolas e também para professores que atendem alunos que tenham origem quilombola. As instituições necessitam reconhecer e respeitar as especificidades das comunidades quilombolas e transmitir os saberes tendo como referência a experiência do aluno.

Conforme (SCHWARTZ, 2013, p.49):

Partir da realidade do aluno não significa que temas que não fazem parte da realidade material dos sujeitos não devam ser abordados, mas sim que sejam planejadas condições para promover reflexão crítica sobre estes conteúdos, oportunizando o conhecimento, a compreensão e o desenvolvimento de estratégia de alternativas de soluções.

Deste modo se faz necessário uma reflexão por parte do professor, sobre como abordar os conteúdos, para que tenham significação e ao mesmo tempo promovam o entendimento aos alunos, possibilitando a articulação entre a teoria e a prática e desta maneira proporcionar o ensino e a aprendizagem aos estudantes.

2.5. Infantilização nas turmas de Educação de Jovens e Adultos

Percebendo que, nas salas de EJA muitos professores insistem numa prática metodológica voltada para crianças, desconsiderando o universo adulto desses alunos, e com isso aumenta o número de desistências, bem como o número de estudantes que não aprendem.

Moura diz que:

Esse é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA. Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereciam maior atenção, são muitos. (MOURA, 2008, p.17)

É importante que o educador entenda que todos não aprendem no mesmo momento e da mesma forma, e que cada um desenvolve uma forma independente de aprender, à aprendizagem de cada estudante acontece de formas diferentes em momentos distintos. “Processo de aprendizagem, não é igual para todos os sujeitos, já que ninguém aprende de uma mesma forma, (...)”. (SCHWARTZ, 2013, p. 55). Nessa perspectiva Tamarozzi, Costa, afirma que:

O jovem e o adulto trazem experiências de vida que devem ser sempre o ponto de partida para sua alfabetização. Portanto, sendo a alfabetização um processo que respeita as diferentes e os diferentes níveis de conhecimento de cada alfabetizando, o aprender a ler e a escrever não acontecerá para todos num mesmo tempo nem de um mesmo jeito. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.64)

Temos que considerar a experiência que cada aluno da EJA possui, para desenvolver um trabalho que respeite as diferenças e possibilitando a participação de cada aluno na construção do seu próprio conhecimento.

Foi realizada à análise do livro didático, é bom aprender/ educação de jovens e adultos, com o propósito de conhecer como o mesmo aborda os conteúdos didáticos, e de que forma ele media o ensino e aprendizagem, observando se os temas abordados fazem relação com a realidade dos alunos no seu cotidiano. A escolha da análise ocorreu porque este estudo, nos leva a identificar se há conteúdos infantilizados nos livros que são ofertados aos alunos da EJA. É importante destacar que esta pesquisa foi realizada apenas na primeira parte do livro.

O livro é dividido em vinte e cinco unidades, sendo dez unidades para letramento e alfabetização, e quinze unidades para alfabetização matemática.

A primeira parte do livro trabalha letramento e alfabetização, divididas em 10 unidades:

1. Forma de comunicação
2. Nome e história de vida

3. De volta à infância
4. Povo brasileiro
5. Consuma, mas com moderação
6. Amor à natureza
7. Uma questão de amizade
8. Trabalhadores
9. Respeito à terceira idade
10. Histórias de animais.

Na segunda parte do livro trabalha-se, a Alfabetização Matemática que está dividida em 15 unidades:

1. Números
2. Adição
3. Subtração
4. Retas
5. Multiplicação
6. Medidas de tempo
7. Tabelas
8. Divisão
9. Medidas de comprimento
10. Formas geométricas planas
11. Medidas de temperatura
12. Medidas de massa
13. Gráficos
14. Formas geométricas espaciais
15. Medidas de capacidade.

Trata-se de um livro com muitas ilustrações, tem uma linguagem clara, traz uma abordagem infantil, não possui anexos, apenas sugestões de livros e filmes e material para recorte.

O livro tem concepções pedagógicas tradicionais, e contemporâneas. Tradicional, pois traz atividades para o aluno como circular, ligar, repetição das letras do alfabeto e números em suas sequências, contar bolinhas coloridas, pequenos textos, músicas infantis. E contemporânea, pois mostra o uso de novas tecnologias, como celular, computador, a introdução dos alfabetos em libras e em braile. Sobre o livro didático Moura diz que:

Apesar da proposta que fundamenta a elaboração do livro didático ser considerada avançada, suas atividades, embora apresentem uma “nova roupagem” com relação às atividades das cartilhas, ainda estão presas a formas de se trabalhar com a linguagem de modo limitado, deixando de trazer contribuições ao aluno no sentido de propiciar momentos de reflexão, interpretação e construção do conhecimento. (MOURA, 2008, p.150)

A primeira unidade do livro que é letramento e alfabetização, e notamos que nessa unidade são encontrados pequenos textos que não traz o conceito do assunto a ser abordado, e as atividades não favorece nenhuma reflexão por se tratar de atividades simples e respostas óbvias.

Os textos que estão no livro trazem em sua maioria leituras visuais, que de certo modo fazem parte do cotidiano dos jovens e adultos, como a utilização de símbolos e rótulos para melhor compressão. A maioria das atividades propostas requerem apenas habilidade de memorização de letras e palavras, e não faz uso de textos complementares, trabalhando o alfabeto de forma isolada. Percebemos que se trata de uma concepção tradicional. “Desenvolve sua prática em apresentando o alfabeto ao aluno, letra por letra, montando sílabas simples (ba-be-bi-bo-bu), explicitando oralmente, pedindo que os alunos repitam, sugerindo cópias sistemáticas do quadro” (SCHWARTZ, 2013, p 49).

Em geral, porém, tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm que ver com a experiência existencial dos alfabetizandos. E quando o têm se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista, do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil. Este modo de tratar os adultos analfabetos implica uma deformada maneira de vê-los – como se eles fossem totalmente diferentes dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que esta experiência lhes deu e continua dando. (FREIRE, 1981, p.12)

A educação de jovens e adultos tem se caracterizado em uma história marcada pela exclusão, são pessoas que em sua maioria estão desmotivadas ou que convivem em situação de risco, por isso é importante que o professor procure métodos que possam favorecer a educação de forma inclusiva, que todos possam de sua forma e dentro de suas possibilidades participar de maneira ativa em sua aprendizagem. “Da educação compensatória às propostas e práticas curriculares infantilizantes e

formalistas, muitos são os entraves ao desenvolvimento de um trabalho mais apropriado ao perfil de nossos alunos”. (MOURA, 2008, p.28)

Em geral, porém, tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm que ver com a experiência existencial dos alfabetizados. E quando o têm, se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista, do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil. (FREIRE, 1981, p.12)

Deste modo é necessário que o educador não trate os educandos como se fossem crianças, pois esta prática não contribui com a formação crítica e emancipatória que possa ampliar os conhecimentos dos mesmos. “É papel do professor, especialmente quando se trata do ensino de língua materna, propor atividades significativas que levem ao aluno ao domínio da linguagem, numa perspectiva de produção do sentido”. (MOURA, 2008). Deve-se levar em consideração as experiências que os adultos possuem, por isso é de fundamental importância a formação inicial e continuada de professores que atuam em salas de EJA.

Durante o período de estágio supervisionado, na escola do Moreira de Baixo, o grupo de estágio foi convidado para participar dos planejamentos, onde foi possível observar que os conteúdos que a coordenadora pedagógica disponibilizou para os professores da educação infantil, foram os mesmos entregues para os docentes da EJA. O que nos levou a entender que seriam trabalhados da mesma forma pois as orientações foram iguais para todos. “As formas mais tradicionais de seleção e abordagem dos conteúdos encontradas no ensino regular devem dar lugar a formas alternativas que possam favorecer a escolarização de trabalhadores anteriormente excluídos desse processo” (MOURA, 2008, p.27), em relação aos materiais didáticos específicos para alunos quilombolas Brasil afirma que:

O Ministério da Educação tem produzido algum material específico e enviado às escolas; porém, esbarra em uma questão delicada: a forma como os gestores de sistemas de ensino e suas respectivas Secretarias de Educação encaminham esse material até os estabelecimentos. Muitas vezes, o próprio gestor de sistema de ensino e da escola desconhece a presença de escolas quilombolas na sua zona de atuação. Outras vezes, por causa de interpretações pessoais e/ou políticas partidárias, se omite, não exercendo o seu dever público de fazer chegar a essas escolas (...) (BRASIL, 2013, p.458)

Nesse sentido os alunos dos territórios quilombolas são prejudicados por conta de gestores que não tem o cuidado de saber onde estão localizadas as escolas quilombolas para atender as especificidades e demandas, privando esses estudantes de terem acesso ao material didático que contempla às realidades socioculturais das comunidades.

3. CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO

O quilombo Moreira de Baixo está situado no quilômetro 66 do município de Água Branca – AL, (Alagoas), a distância entre o quilombo e a cidade é de 25 quilômetros.

O nome da comunidade Moreira de Baixo, foi dado por conta de um morador chamado Moreira que chegou fugido, ele foi o primeiro morador destas terras, que ainda pertenciam ao Barão de Água Branca, era negro escravizado, mas não temos relato de onde ele veio, por conta de ser uma pessoa muito conhecida, todos o procuravam como Moreira e assim ficou conhecido o povoado. Já o significado de Baixo, foi devido as águas, pois passa pela comunidade diversos riachos, que trazem água das serras circunvizinhas como: Mata grande, Boqueirão e serra do carneiro.

Manoel Laurentino e Zé Chiquinha foram uns dos primeiros moradores, ambos chegaram na comunidade fugindo de Pernambuco e ambos negavam suas identidades negra. Era mantido em sigilo absoluto que os dois eram escravizados em Pernambuco e fugiram.

Há relatos que uma índia foi pega a dente de cachorro, nesta época era comum sair para caçar na mata com cachorros, como os índios também eram perseguidos e fugiam, alguns ficavam perdidos na mata, os caçadores encontraram essa índia com ajuda dos cachorros, por isso os entrevistados usam o termo “pega a dente de cachorro”, essa índia chamava-se Isabel que casou-se com Manoel Laurentino.

Quando Manoel Laurentino e Zé Chiquinha chegaram a comunidade essas terras pertenciam a senhora Antônia Rosa, pois a mesma havia comprado as terras do Barão de Água Branca. Zé Chiquinha, casou-se com a filha de Antônia Rosa que ao ficar idosa e não poder cuidar mais de seu patrimônio, passou a posse para o seu genro. Após o falecimento da senhora Antônia Rosa iniciou a divisa das terras, entre as famílias dos laurentinos, Dionizio e os Chiquinha.

Após essa divisão os laurentinos ficaram apenas com os chãos de casa e foram adquirindo suas terras comprando pequenas partes, as terras foram divididas e entregues a seus herdeiros, após cada herdeiro tomar posse, foram sendo vendidas em pequenas partes, de acordo com o crescimento da população do lugar. Muito tempo após essa divisão foi que o INCRA, (Instituto Nacional de Colonização e

Reforma Agrária) passou realizando a demarcação dessas terras. Manoel Laurentino e Zé Chiquinha viveram na comunidade até o fim de seus dias.

As primeiras casas da comunidade eram feitas de palha de Ouricuri, que eram retiradas da serra do caraunã, e madeira para fazer a estrutura, com o passar do tempo foram sendo substituídas por casas de taipa, que eram feitas com barro, madeira e croá (espécie de cipó), usado para fazer à amarração da madeira fina na madeira grossa e palha que era utilizada na cobertura. Com o propósito de realizar a construção dessas casas eram convidadas as pessoas da comunidade para ajudar, pois era necessário molhar o barro e pisa-lo com os pés, para dá o ponto de colar nas madeiras, que já estavam entrelaçadas. Para pisar o barro eles dançavam um ritmo chamado coco, muito comum neste período, o senhor Bilêu, puxava os versos e ao mesmo tempo tocava um instrumento feito com um caneco, caroços de milho e um pano que tampava a parte de cima do caneco para o milho não cair, essas festas duravam dias, até as casas ficarem prontas. O senhor Zé Chiquinha foi o primeiro morador a construir uma casa de tijolo na comunidade. Visto que, tinha uma condição financeira melhor, em relação aos outros moradores da comunidade na época.

Os moradores dessa época sobreviviam da caça, como: veado, peba, tatu, capivara, passarinhos e da agricultura que era bem comum, pequenas plantações de macaxeira, mandioca, batata doce, feijão e milho, a partir do milho faziam a pipoca, onde a mesma era pisada no pilão e se transformava no fubá, uma farinha fina muito usada na época pelas as famílias, o milho era utilizado para fazer o mungunzá, o milho era moído e transformava-se na farinha de milho, da qual era produzido o cuscuz, a mandioca era processada nas casas de farinha, com o propósito de produzir a goma, para fazer a tapioca, e farinha que era um item presente na alimentação nesse período.

Era tudo muito simples, não havia energia elétrica, era utilizado o querosene para colocar nos candeeiros feitos de lata, com um pavio de algodão, era a fonte de luz que tinham. Panela, pratos, copos e potes para armazenar água, eram feitos de barro, as conchas eram feitas de madeira e casca do coco seco, esses utensílios eram todos produzidos na comunidade. Para cozinhar as pessoas utilizavam lenha, só os ricos possuíam talheres, as pessoas que não possuíam essa condição financeira, comiam com as mãos ou com colheres feitas de madeira.

As crianças quando ainda bebês eram enrolados com pedaços de saia das mães, quando começavam a andar, os meninos ficavam pelados até por volta de 10

anos de idade, já as meninas usavam apenas umas saias que eram confeccionadas pelas próprias mães. A alimentação era feita na maioria dos casos com leite de cabra, onde faziam um mingau com a farinha de mandioca ou de milho, colocavam em uma cuia, vasilha feita da cabaça que depois de seca e limpa era utilizada como prato, e com o auxílio dos dedos colocavam na boca dos bebês, visto que a comunidade ainda não tinha o hábito de utilizar mamadeira.

Não existia escola na comunidade, no entanto os moradores que possuíam uma condição financeira melhor, pagavam para seus filhos estudar com pessoas que apenas sabiam ler, e cobravam para ensinar.

Na década de 70, ainda não tinha escola no povoado, as crianças que os pais tinham interesse que estudassem, se deslocava para a Lagoa das Pedras, onde já havia uma escola. Os alunos do Moreira iam a pé para a escola o percurso eu os estudantes faziam era de quatro quilometro, as crianças mais velhas levavam os mais novos, o caminho que os alunos percorriam era deserto, não havia casas, só existia uma mata, onde muitas vezes as crianças subiam nas árvores por medo, pois encontravam rebanho de gado no caminho. Somente na década de 80, foi construída a escola do Moreira. Na época ainda não era exigida, formação específica para lecionar, a professora que atuava na escola era comunidade, ela tinha estudado até a quarta série do ensino fundamental, que corresponde atualmente ao quinto ano do ensino fundamental.

Por volta de 1988, alguns discentes, já se deslocavam para a cidade de Água Branca, para dar continuidade aos estudos, os mesmos eram transportados por caminhões, que percorriam as comunidades recolhendo os alunos, quando chovia os estudantes chegavam na escola todos molhados, uma vez que, no caminhão não tinha nenhum tipo de cobertura que os protegesse da chuva ou do sol.

3.1. Como era o acesso à educação no quilombo Moreira de Baixo

A história do quilombo foi escrita através de depoimentos coletados com alguns dos moradores mais antigos da comunidade.

O senhor Antônio, 81 anos, falou como era a educação escolar no quilombo:

No Moreira não tinha não escola, tinha a escolinha particular de Chico Rosa lá na Matinha, a gente tinha que pagar, nossos pais vendiam algum bichinho para pagar, eu tinha oito anos de idade quando estudei lá, hoje tenho 81 anos, faz setenta e tantos anos que eu estudava na escolinha do Chico Rosa, era a única que tinha, depois veio a escolinha da Zefa de Galdiozo, era mais perto de casa, mais também tinha que pagar.

De acordo com o senhor Antônio, o pai dele apenas permitia que os filhos homens estudassem, eram quatorze filhos, dez homens e quatro mulheres, dos dez apenas três estudaram na escola do Chico Rosa, logo esses frequentaram a escola até aprender a escrever o nome e a ler algumas palavras, não podia estudar muito tempo, pois não tinha dinheiro para pagar.

O professor usava a palmatória, se errasse alguma coisa, já sabia que ia apanhar, às vezes era os próprios colegas que batiam, mas na maior parte do tempo, era o professor. A palmatória era um pedaço de madeira semelhante a uma régua, onde o professor mandava os alunos abrir a mão e batia com muita força, o erro cometido pelo estudante, se o docente perguntasse algo que considerasse fácil e o aluno errasse, era o que determinava a quantidade de vezes que o professor iria bater na mão.

Quando a Zefa abriu sua escolinha, minha mãe juntou um dinheirinho, e mesmo contra a vontade do meu pai, colocou uma das minhas irmãs para estudar, ela estudou por dois meses, aprendeu a fazer o nome e meu pai falou que já estava bom, pois não tinha mais dinheiro para ela continuar.

O senhor José, 78 anos, diz que:

Estudar era prus rico, tinha que pagar, o pai da gente não tinha condições, vontade eu tive, muita vontade de ir pra escola, mais cadê dinheiro e aqui não tinha onde estudar, quem podia ia pra escola de Chico Rosa, poucos daqui estudaram lá e não era um estudo demorado não, ou aprendia logo ou saia sem saber de nada.

Segundo o senhor José, mesmo os alunos que os pais tinham condições de pagar, frequentavam pouco tempo a escola, de três a quatro meses e nesse curto espaço de tempo tinha que aprender a ler e a escrever.

Naquele tempo não podia errar, tinha que responder tudo certinho ou apanhava com a palmatória do professor. Aí de quem não aprendesse,

se ficasse esse tempo todo na escola e não aprendesse nada, apanhava em casa também.

A senhora Maria, 68 anos, moradora da comunidade:

Eu estudei numa escola que se chamava MOBREAL, nesse tempo eu já era moça, ia um rebanho pra estudar, mais tinha aqueles pai que num aceitava as fia ir não, era de graça num precisava pagar, a professora era mais ou menos da nossa idade mais ela era estudada, ela era de Água Branca, nesse tempo ainda tinha à palmatória, nois chegava em casa com as mão que num aguentava de tanto bolo que levava.

O MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), foi criado pela lei nº 5.379, em 15 de dezembro de 1967. “ Mas foi durante a década de 1970 que ganhou força e converteu-se no maior movimento de alfabetização do país. (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.17), o MOBREAL teve como inspiração o método de Paulo Freire, no entanto as discussões eram definidas, diferente de Freire que atuava de a acordo com o público atendido.

Bolo é uma expressão utilizada na época, para se referir as palmadas que levavam com a palmatória. Maria relata que todos precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família, até mesmo as crianças iam para a roça nessa época, por isso os pais não queriam que os filhos estudassem, alguns consideravam uma perca de tempo mandar os filhos para a escola.

O Senhor Antônio diz que conseguiu concluir o ensino médio após ir embora para São Paulo, ele foi trabalhar, porém teve a oportunidade de continuar os estudos. Ele fala que demorou um pouco até conseguir terminar o ensino médio, já que precisava trabalhar, e a esposa não trabalhava fora, então era o único que mantinha a família e ainda estava com filhos pequenos, mesmo com muitas dificuldades conseguiu finalizar o curso. O mesmo diz que gostaria de ter continuado a estudar, mas, precisou abrir mão e proporcionar estudo aos seus dois filhos. Um dos filhos formou-se em engenharia eletrônica, e o outro cursou somente o ensino médio.

Os seus irmãos estudaram na época do MOBREAL, alguns aprenderam a ler outros não. No entanto, Antônio, foi o único dos irmãos que conseguiu terminar o ensino médio.

José, só teve oportunidade de estudar quando frequentou alguns programas de alfabetização que funcionavam a noite na comunidade, no entanto aprendeu apenas a fazer o nome, pois já não enxergava direito, e não tinha condições de fazer

um exame com o oftalmologista. Os seus filhos tiveram a oportunidade de estudar, mas tinham que trabalhar para ajudar e devido as dificuldades, todos desistiram.

Maria aprendeu a ler quando estudou no programa de alfabetização do MOBREAL, mas só aprimorou a leitura e a escrita, após frequentar a EJA que foi ofertada na comunidade, podendo concluir o quinto ano do ensino fundamental. Os filhos de maria estudaram até a quarta série do ensino fundamental, nunca demonstraram interesse para estudar na EJA.

De acordo com os anciões que foram entrevistados os mesmos tiveram oportunidades de estudar, porém os mesmos enfrentaram muita dificuldade, na mesma direção TAMAROZZI e COSTA afirma que:

Em muitos casos, eles estudaram quando crianças durante alguns meses (ou mesmo alguns anos), e tiveram que abandonar a escola por diferentes motivos: porque era longe, porque tinha que trabalhar ou porque os pais não deixavam que eles estudassem. O fato é que, em algum momento da vida, esses alunos jovens e adultos já passaram por essa instituição chamada escola, e essa inserção, mesmo que por pouco tempo, foi suficiente para formar uma ideia de como a escola funciona, quais são as suas regras e, sobretudo, o lugar em que ele, na condição de aluno, se coloca. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.35)

De alguma maneira esses alunos já tiveram contato com a educação escolar através de programas de alfabetização em diferentes situações da vida, no entanto, não conseguiram concluir o processo de alfabetização. “Talvez por esse motivo, as classes de EJA (sobretudo as de alfabetização) também demonstram, em sua maioria, níveis de alfabetismo significativamente diferentes”. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.35), pode ser encontrado nas salas de jovens e adultos discentes com níveis de alfabetismo diferenciado.

3.2. Como viviam os moradores do quilombo

Na comunidade Moreira de Baixo os mais antigos trabalhavam na fabricação de cal e transportando o mesmo para as cidades vizinhas, esse transporte era feito através de burros e carro de boi, saiam de madrugada para fazer as entregas e muitas vezes pernoitavam pelas estradas, quando a distância percorrida por eles era longa, com o decorrer do tempo os compradores vinham de outras cidades adquirir cal

diretamente no local, onde se fabricava e passaram a fazer o transporte através de caminhões.

Era um trabalho muito perigoso, pois as pessoas precisavam cavar buracos profundos, para encontrar as pedras, que era o produto que seria beneficiado para se transformar no cal. Além de prejudicar a saúde dos trabalhadores, pois eles trabalhavam no calor intenso dos fornos, e ainda tinham que retirar as pedras quente de dentro do forno para jogar água fria e assim produzir o cal. Essa é uma prática que veio ao fim.

Os moradores também produziam carvão, tanto para o consumo, quanto para vender, não era um trabalho perigoso, porém a fumaça produzida pelos fornos afetava a saúde dos mesmos.

Os homens da comunidade, durante uma certa época do ano, iam trabalhar nas usinas no corte de cana de açúcar ou na sacaria, o trabalho realizado na sacaria era levar os sacos de açúcar na cabeça para carregar os caminhões, quem tinha filhos homens adolescentes, levavam os mesmos para trabalhar junto com eles no corte de cana.

Era tudo muito simples, desde as casas que eram feitas de taipa, o fogão para cozinhar era a lenha ou carvão, usavam panelas de barro, os homens podiam caçar para garantir a carne nas refeições, em tempos de chuva quando havia riachos, poços e barragens cheios, também pescavam e estas práticas facilitavam na alimentação da família, com o passar do tempo o povo aos poucos foram modificando seu modo de vida, a situação ficou difícil, com as grandes estiagens e sem água não tinha como plantar, sem ter colheita e os animais ficando escassos toda a rotina de um povo humilde e trabalhador, acostumados a plantar feijão, milho, abóbora, melancia e etc., foi se modificando.

Essa comunidade já passou por diversas fases, incluindo o tempo da SUDENE, (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) Cabral explica que:

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi criada em 15 de dezembro de 1959, pela Lei nº. 3.692, como meio de intervenção do Estado no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região. A instituição definia o espaço do Nordeste de forma diferente do usual. Assim, a região compreendida, que passaria a ser objeto da ação governamental, incluía os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais. (CABRAL, 2006, p. 31).

O governo pagava uma pequena quantia há alguns trabalhadores que residiam no quilombo Moreira de Baixo, para realizar a limpeza de barreiros, barragens, uma vez que não tinha emprego para todos, nessa época a pobreza era ainda maior, as pessoas passavam fome e até sede na época da seca.

Não havia cisternas, durante o período de estiagem a água era obtida através das fontes e de grandes barragens que ficavam distantes da comunidade, nesse tempo eram poucos os aposentados, não havia programas de assistência social, uma outra forma de obter renda era durante a contratação temporária na agroindústria canaveira e a SUDENE ajudou bastante, já que eram praticamente as únicas fontes de renda dos moradores.

Naquele tempo as famílias eram unidas, pais e filhos trabalhavam no mesmo roçado, ninguém sabia o que era luxo e conforto, não se importavam com marca de roupa, para aquele povo, o que existia era andar limpo e não andar com roupa rasgada, as pessoas tinham poucas roupas, uma para ir à feira ou a missa, outros nem para feira iam, pois a feira era distante e não existia transporte, alguns andavam a pé, outros em mulas, e o que compravam nessa feira era, sal, gás para as lamparinas, que clareava suas casas à noite.

Em noites de lua sentavam pelo terreiro e ali contavam suas histórias, logo cedo iam dormir, porque era costume do homem do campo dormir cedo, para acordar cedo.

3.3. Como Vivem os Habitantes do Quilombo Moreira de Baixo

Moreira de Baixo é uma comunidade quilombola com 530 habitantes em um total de 130 famílias, localizada no município de Água Branca, Alagoas, sendo que a quantidade de famílias varia de acordo com a migração de algumas famílias para outros estados.

O povoado tem uma população carente composta de pequenos agricultores, que ao longo dos anos vem sofrendo com o tipo de clima, quente e seco da região, durante alguns anos a seca tem castigado os pequenos agricultores, os quais mantêm a tradição do plantio de milho e feijão, para o sustento da família.

Com a ausência das chuvas a população jovem e os pais de família, se deslocam de sua região e viajam em busca de trabalhos nas cidades grandes, onde há promessa de empregos no setor de obras, esses homens se destinam as firmas em busca de trabalho, seja na construção de prédio, estradas, barragens ou em grandes obras do governo e até mesmo em frigoríficos, em mercados, corte de cana de açúcar, carregamento de cargas, qualquer trabalho digno para manter suas famílias, que ficam em casa dependendo da ajuda dos pais aposentados, até que chega o tão esperado trabalho.

Esse grupo de pais aposentados vem mantendo a circulação da moeda em nossa região, junto com outro grupo de assistência que recebe o bolsa família, esse segundo grupo o valor do benefício recebido por eles é pequeno e variado, pois depende da quantidade de pessoas que moram na mesma casa e de acordo com as crianças que frequentam a escola, também as crianças menores recebem acompanhamento médico relacionado ao controle de baixo peso.

Os habitantes do quilombo são pessoas carentes, porém batalhadores, eles mantêm o costume de criar pequenos animais, como galinha, uma ou duas cabeças de ovelha, porco e poucos criam gado. Esses são minoria entre os habitantes, grande parte dos moradores não possuem terreno para criar e nem condições para manter os bovinos, por conta da seca é necessário manter o rebanho comprando ração e água, gerando um gasto muito elevado.

A maioria das famílias que possuem o bolsa família, recebe ajuda dos pais aposentados e quando conseguem trabalham por diária, numa espécie de faz-tudo concertando cercas, arrancando toco, parte do tronco da árvore que foi cortada, enquanto aguardam as chuvas para plantar.

O Banco do Nordeste disponibiliza um projeto chamado crediamigo, onde as pessoas da comunidade se reúnem em pequenos grupos para conseguir realizar esse empréstimo, que funciona da seguinte forma: após formado o grupo, cada um decide no que irá investir, alguns pegam o crédito para negociar com roupas, galinhas, porcos, venda de ovos, perfumes, em fim é necessário investir em algo que proporcione lucro, pois o empréstimo é pago ao banco em parcelas e com uma pequena taxa de juros, e o próprio grupo é o responsável pelo pagamento de cada membro do mesmo ou seja um é avalista do outro.

O Crediamigo é um Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste voltado aos empreendedores que atuam nos setores da economia tanto formal quanto informal da economia (microempresas, enquadradas como Microempreendedor Individual, Empresário Individual, Autônomo ou Sociedade Empresária), permitindo-lhes ter acesso ao crédito e à capacitação, distribuídos nas modalidades de créditos, individuais, solidários ou comunitárias. (BANCO DO NORDESTE)

Os meios de transportes mais utilizados aqui são: carro de boi, jumento, carroça de burro, bicicleta, motocicleta, cavalo, D-20, e van. Porém o IBAMA, (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) não permite mais o uso do carro de boi, jumento e cavalo. Mas as pessoas continuam utilizando, pois não possuem recursos para pagar fretes de automóveis que façam o mesmo trabalho que os animais realizam. O carro de boi e a carroça de burro são utilizados para transportar madeira, palma, animais de pequeno porte, enfim é usado para transportar diversos elementos, os moradores usam a madeira nos fogões a lenha, já que existe algumas madeiras que o IBAMA permite o uso, geralmente são madeiras de árvores que estão secas, a palma é para dar ração aos animais.

Devido não ter alimento suficiente nas roças é preciso alimentar os animais com a palma, no entanto, sabe-se que por ter um valor elevado, a maioria dos moradores não tem condições financeiras para comprar e o mandacaru passa a servir como ração, o mesmo tem que ser queimado por ter muitos espinhos pontiagudos e rígidos, a água que é destinada aos animais, as plantas, toda água que não tenha como finalidade o consumo humano, durante o período da seca é coletada em barreiros, barragens que ficam distantes e o transporte é feito por carros de boi e carroças de burro, da mesma forma acontece durante o inverno, quando há colheita é preciso levar os sacos de feijão, milho, etc.

Com a chegada do governo Lula a região se renovou com a geração de empregos, os homens dessa região foram em busca de trabalho e muitos conseguiram, pois hoje há moradia digna e alimentação para a maioria dos habitantes da comunidade. O povoado Moreira de baixo ainda está muito atrasado comparado a outros povoados, pois não tem quadra de esportes, posto de saúde, bibliotecas nem computadores nas escolas, o que representa um grande descaso com a população, visto que, é preciso buscar diferentes maneiras de promover e despertar o interesse dos jovens e adultos em aprender e fazer os mesmos despertar para um futuro melhor.

Os jovens não têm opção de lazer, a única forma de diversão é o campo de futebol, onde os mesmos se reúnem ao final da tarde para jogar, após o término do jogo costumam se reunir nos bares para consumir bebidas alcoólicas.

Hoje ainda mantemos a cultura e alguns costumes dos nossos ancestrais como, por exemplo, as benzedadeiras que estão sempre dispostas a ajudar a quem as procuram e que dominam o conhecimento acerca de rezas curadoras e de ervas medicinais que ajudam na solução de diversos problemas de saúde.

O meio ambiente é bem preservado, localidade limpa, já que a Associação Quilombola Moreira de Baixo, realiza a coleta de lixo no povoado, os associados se reúnem e saem para catar o lixo na localidade, ao final o lixo é queimado, porque não tem um local adequado para colocar o lixo. Barreiros e barragens bem conservados, caixas d'água cobertas, e a plantação mais comum é feijão, milho, palma e capim.

Hoje é proibido caçar, mesmo que a finalidade seja o consumo humano, visto que causa a extinção dos animais, mas não podemos esquecer que para algumas famílias carentes da comunidade era uma forma de se alimentar e manter a família. Está proibido fabricar carvão, que serve como fonte de renda dos moradores do quilombo, e também é usado para o consumo dos moradores. No entanto é uma prática que contribui com o desmatamento, o carro de boi não pode ser mais utilizado como transporte de cargas, assim igual com as carroças de burro, ou seja, as leis se modificaram e o pobre é quem mais está sentindo na pele as mudanças dos tempos.

Isto não significa que as pessoas são contra a todas essas mudanças, pelo contrário, acham uma iniciativa maravilhosa no sentido de preservar o meio ambiente. No entanto os governantes esqueceram da população que tinha como renda, unicamente essas práticas, seria necessário que desenvolvessem projetos com o propósito de auxiliar essas pessoas, para que as mesmas pudessem se adaptar a outro tipo de comércio legal. Sabe-se que muitos continuam realizando essas práticas mesmo tendo o conhecimento que estão agindo de forma ilegal.

Os principais problemas é o desemprego, a falta de água e o alcoolismo por parte dos jovens. Na comunidade existem nove bares, por não terem opção de lazer, os jovens utilizam os bares como ponto de encontro, isso não acontece apenas durante os finais de semana, mas durante toda a semana é possível encontrar jovens bebendo, eles utilizam o álcool como forma de divertimento.

Houve relatos, que já faleceram alguns moradores por alcoolismo e no momento tem um jovem internado em uma clínica de recuperação para alcoólatras. O

consumo de álcool periódico tem causado muito sofrimento as famílias, por conta da embriaguez já aconteceram acidentes fatais na própria comunidade, já ocorreram homicídios e tentativas de homicídios, tudo isso aconteceu pelo consumo excessivo de álcool.

Quando trata-se de drogas lícitas como o álcool as pessoas falam facilmente sobre o assunto, chegam até apontar as famílias que sofrem com esse problema. Porém, ao se referir as drogas ilícitas ainda existe um receio em conversar sobre esse problema que vem ocorrendo na comunidade, o consumo de drogas está aumentando, há vinte anos ouvia-se falar sobre drogas, mas não tinha chegado ainda no quilombo. Geralmente as famílias tentam esconder que algum membro consome entorpecentes, outros ainda não sabem.

A família necessita conversar mais sobre esse assunto, pois só através do conhecimento é possível ajudar na prevenção, e a escola precisa estar aberta para discutir e debater, essas questões a fim de incentivar os alunos a não usar drogas.

A comunidade foi reconhecida e certificada como quilombola, pela Fundação Palmares no dia, dois de fevereiro de 2015.

Segue abaixo as comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares em Água Branca.

QUADRO 2: COMUNIDADES QUILOMBOLAS CERTIFICADAS EM ÁGUA BRANCA.

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
1	Água Branca	Lagoa das Pedras	Certificada em 19/11/09	50
2	Água Branca	Barro Preto	Certificada em 19/11/09	50
3	Água Branca	Serra das Viúvas	Certificada em 19/11/09	50
4	Água Branca	Cal	Certificada em 27/12/10	50
5	Água Branca	Pov. Moreira de Baixo	Certificada em 02/02/15	120

Fonte: ITERAL

Segundo os dados fornecidos pela ITERAL, (Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas) em Alagoas existe sessenta e oito comunidades quilombolas,

reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Até o momento existe apenas uma comunidade em processo de reconhecimento. Ver em anexos.

3.4. O que se tem no quilombo Moreira de Baixo

Os moradores da comunidade não possuem recursos, mas são pessoas acolhedoras, sempre dispostas a ajudar no que for possível, no quilombo existe uma escola com duas salas de aula, dois almoxarifados, um armazena o material de limpeza e alguns livros que servem como material de apoio utilizados para recorte e fonte de pesquisa destinados aos alunos, e no segundo são guardados os alimentos e os utensílios da cozinha, uma cozinha, um pátio coberto e um aberto, dois banheiros, um masculino e o outro feminino, funciona com turmas do pré I ao 5º ano, sendo as mesmas multisseriadas, nos horários, matutino, vespertino, e noturno quando tem turma da EJA funcionando. “A Resolução CNE/CEB nº 2/2008, que estabelece diretrizes complementares, (...), Art. 3º (...). O § 2º desse mesmo artigo estabelece que “em nenhuma hipótese serão agrupadas em uma mesma turma crianças de Educação Infantil com crianças do Ensino Fundamental”.

Há um muro ao redor da escola, neste muro existem cacos de vidro, que serviam, no início da escola, para impedir a fuga dos alunos, com o tempo passou a servir como barreira para evitar furtos na escola, no entanto não resolveu o problema, continuam subtraindo a merenda, botijão de gás entre outros itens da escola. Os vidros persistem em cima desse muro até hoje.

Existe uma torre de sinal telefônico rodeada por uma cerca de arame farpado, os estudantes têm acesso a essa torre e alguns já chegaram a subir na mesma, brincam neste ambiente, mesmo sendo um lugar perigoso, há duas cisternas d'água, porém as duas apresentam problemas, tem rachaduras por onde a água vasa, possui um espaço térreo no qual os alunos brincam, mas não dispõe de nenhum brinquedo coletivo e tem algumas árvores frutíferas. Nas salas de aula, a iluminação é insuficiente, primeiramente pelas lâmpadas, que não emitem luz suficiente, e além disso, as duas salas não possuem janelas, e sim comungós, pequenos orifícios perfurados na parede que dão o formato de uma janela com grades. Quando chove

entra água pelos orifícios dos comungós, as crianças precisam afastar as cadeiras para não molhar o material e também para não se molharem.

A instalação elétrica da extensão é aparentemente antiga, carente de reparos como troca de fios e de tomadas que estão com os fios expostos. As paredes possuem infiltrações que são perceptíveis durante o período das chuvas, quando a água entra por algumas telhas quebradas e se espalha nas paredes. A maioria das mesas e cadeiras estão em péssimas condições e não são suficientes para a quantidade de alunos.

Hoje as casas são de tijolos e blocos e a maioria possuem cerâmica no piso, as pessoas tem telefone celular, internet, televisão, entre outros aparelhos eletrônicos. O povoado tem água encanada e energia elétrica, apesar de haver deficiência no projeto distribuição de água, visto que são poucas as residências que são beneficiadas com a água encanada.

O quilombo foi contemplado com cisternas de placas, onde os moradores armazenam água durante o período das chuvas, para usar na época da seca, somente para o consumo humano, quando a água da chuva não é suficiente, compram carros pipas para abastecer as caixas, em alguns casos o exército e a prefeitura fornecem água sem nenhum custo. Algumas pessoas ganharam a caixa calçadão, cujo objetivo é armazenar água das chuvas, para o consumo animal e também para ser utilizada na produção de pequenas hortas, o propósito é contribuir com uma alimentação saudável e sem agrotóxicos.

A comunidade dispõe de transportes públicos que são, caminhonetes, vans e um ônibus para o deslocamento dos alunos que vão para escola na cidade e nos povoados vizinhos. Há vários alunos com ensino médio e fundamental completo e também para orgulho dessa comunidade que é quilombola tem alunos estudando na Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, nos cursos de pedagogia, letras e engenharia civil, localizada em Delmiro Gouveia, alguns em fase final do curso, outros já formados e cursando pós-graduação.

3.5.Aspectos culturais

Há um campo de futebol, onde realiza-se uma vez por ano o torneio de futebol, evento que atrai bastante visitantes de povoados e cidades vizinhas, tanto para concorrer aos prêmios, como também muitos outros que vem apenas participar da festa da comunidade, juntamente com esse povo acolhedor do Moreira de Baixo.

Além do torneio, há duas festas religiosas, pois existe duas igrejas católicas uma tem como padroeiro o padre Cícero e a outra São José, as festas são realizadas nos meses de julho e março, ambas as festas marcam a tradição dos católicos dessa região, os dois eventos são organizados e patrocinados pelos moradores da comunidade com realizações de bingos e sorteios e com a colaboração dos comerciantes da região, a banda de música é patrocinada pela prefeitura da cidade.

Há um grupo chamado, Legião de Maria, formado apenas por mulheres, onde o mesmo se desloca por toda a comunidade, sem hesitar elas passam pelas casas realizando suas orações e mobilizando-se para ajudar as pessoas doentes ou que estejam precisando de algum tipo de ajuda naquele momento.

Na comunidade existe uma igreja evangélica, Assembleia de Deus, ainda são poucos os membros da mesma, quando há culto ou algum tipo de comemoração vem fiéis de outras comunidades para participar.

Foi criada uma associação denominada, Associação Quilombola Moreira de Baixo, registrada no ano de 2013, a mesma é formada em sua maioria por mulheres, entre os setenta e cinco sócios, apenas três são do sexo masculino.

Existe na comunidade algumas famílias que trabalham com artesanato, como pintura, bordado, crochê, bonecas de pano, há poucas pessoas que ainda trabalham com a fabricação de tijolos para a construção de casas.

3.6.Aspirações da comunidade

A comunidade foi registrada como quilombola, e os moradores pretendem alcançar mais, dos muitos direitos desse povo histórico de nosso país, o povoado Moreira de Baixo tem deficiência no seu desenvolvimento, por ser uma comunidade

pouco resolvida, pois seus membros não sabem se unir no momento político para eleger um representante capaz de lutar e trazer benefícios para o lugar.

Infelizmente os pensamentos e interesses individuais não colaboram para o crescimento de um bem comum. Com ideias variadas e opiniões adversas não chega-se sozinho a um projeto para o bem comum da comunidade, os indivíduos do quilombo ainda são carentes de conhecimento dos seus direitos.

Precisa de transporte escolar, que ofereça a segurança necessária para conduzir os alunos até o local de estudo dos mesmos, já que o transporte ainda é realizado através de caminhonetes que não oferecem a menor segurança e nem conforto aos alunos. Conforme a LDBEN (2013, p.457): “A mesma Resolução estabelece em seu art. 8º que esse, “quando necessário e indispensável, deverá ser cumprido de acordo com as normas do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) quanto aos veículos utilizados” (Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997), (...)”

Os veículos destinados à condução coletiva de escolares somente poderão circular nas vias com autorização emitida pelo órgão ou entidade executivos de trânsito dos Estados e do Distrito Federal, exigindo-se, para tanto: registro como veículo de passageiros; inspeção semestral para verificação dos equipamentos obrigatórios e de segurança; pintura de faixa horizontal na cor amarela, em toda a extensão da carroçaria, com o dístico ESCOLAR, em preto; equipamento registrador instantâneo inalterável de velocidade e tempo; lanternas de luz com cores específicas nas extremidades da parte superior dianteira e traseira e cintos de segurança em número igual à lotação (CTB, art. 136, cap. XIII). (BRASIL,2013, p.458)

É necessária uma escola que tenha uma estrutura física melhor, pois a estrutura da escola está em péssimas condições, paredes apresentam rachaduras, as telhas estão quebradas, quando chove não há condições de haver aula pois as salas ficam alagadas. Os moradores do quilombo gostariam que a escola fosse contemplada com uma biblioteca e computadores, visto que atualmente não tem nenhum recurso tecnológico e também não existe um local onde as crianças, jovens e adultos possam realizar suas pesquisas.

Moura afirma que:

(...) falta equipamento básico, até mesmo carteiras adequadas para os alunos. Sendo assim, existem enormes barreiras para o contato desses alunos com equipamentos considerados de “ponta” (apesar das propagandas do governo dizerem o contrário), dificultando ainda mais a inserção destes alunos no “mundo do trabalho”. (MOURA, 2008, p.145)

Seria essencial ter uma escola que oferecesse o ensino fundamental completo, assim as crianças não precisariam se deslocar para outros lugares. E que a educação de jovens e adultos fosse ofertada de forma contínua, onde os discentes pudessem prosseguir no segundo segmento que corresponde ao ensino fundamental completo, na própria comunidade e no terceiro segmento que corresponde ao ensino médio.

Ainda no campo da educação, professores que pertençam à comunidade e que seja proporcionado, formação específica e diferenciada aos mesmos, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, “(...) a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão: Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas”. (BRASIL, 2013, p.469), e os governantes disponibilizem materiais didáticos para as escolas, com conteúdo, que contemplem as especificidades das comunidades quilombolas.

Água encanada para abastecer todo o quilombo, já existe água encanada, porém poucos tem acesso, por conta da vazão da água que não é suficiente para abastecer todas as casas. As residências que ficam na parte baixa são abastecidas, isto quando alguns moradores que não tem consciência do uso coletivo da água resolvem encher, barreiros e barragens, deixando praticamente todos sem água. Já os domicílios da parte alta, ficam sem água.

Quadra de esporte, para propiciar divertimento no dia a dia das pessoas do quilombo, tendo em vista que o esporte é fundamental para manter uma vida saudável entre as pessoas de todas as idades.

Posto de saúde, pois quando as pessoas precisam de atendimento se deslocam a outra comunidade para serem atendidas, e ainda existe uma quantidade estipulada de fichas que podem ser distribuídas a essas pessoas que são atendidas semanalmente, somente podem ser entregues cinco fichas, ou seja apenas cinco pacientes serão atendidos por semana em uma comunidade que tem 530 habitantes.

Atualmente a pavimentação existente no quilombo é de no máximo trezentos metros, é preciso que tenha continuidade do mesmo, para que haja valorização das casas, e mais qualidade de vida, colocando fim na poeira, pois a estrada é bastante movimentada, visto que o quilombo dá acesso a várias comunidades e também a três cidades vizinhas, através de estradas vicinais que existem.

Cursos profissionalizantes como, cabelereiro, corte e costura, manicure, pintura, dentre tantos outros que possam gerar renda dentro da comunidade, para que os jovens não precisem viajar para outros lugares a procura de emprego.

4. RESULTADOS

Quadro 5: Análise do questionário/ questão 1

Respostas dos docentes: Durante o período do seu curso, houve oferta de disciplinas voltadas para a formação inicial, para professores na área da EJA? E para a educação escolar quilombola?	Análise das respostas
<p>Docente 1. Sim, eram ofertadas disciplinas apenas para formação inicial para professores na área da EJA enquanto a educação escolar quilombola pouco era discutido e questionada em meio as disciplinas ofertadas.</p> <p>Docente 2. Sim. Para formação inicial de professores na área da EJA.</p> <p>Docente 3. Houve oferta da disciplina voltada para a formação inicial de professores da EJA durante a graduação, porém no ensino médio não tive nenhuma formação, visto que cursei o ensino médio com habilitação profissional. Mas para a educação escolar quilombola nunca houve nenhuma formação.</p>	<p>De acordo com as respostas dos docentes que foram entrevistados, houve formação inicial voltada para o ensino da EJA, apenas durante a formação dos mesmos no curso de pedagogia, no ensino médio não tiveram nenhuma formação para esta área.</p> <p>Para a educação escolar quilombola não houve oferta de disciplinas durante o curso de graduação, assim como também não foram ofertadas disciplinas no ensino médio. “Sem a devida qualificação, os professores passam a desenvolver a prática pedagógica ignorando as especificidades e peculiaridades dos sujeitos em processo de escolarização”. (MOURA, 2005, p.67)</p> <p>Dessa maneira os professores não desenvolvem práticas pedagógicas específicas voltada para esse público, provocando prejuízo na apropriação da aprendizagem dos alunos da EJA.</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 6: Questão 2

Respostas dos docentes: Há quanto tempo trabalha com a EJA?	Análise das respostas
<p>Docente 1. Apenas há um ano.</p> <p>Docente 2. Na época em 2008, trabalhei 8 meses na EJA, mas continuei por mais 24 meses na alfabetização.</p> <p>Docente 3. Com a EJA do primeiro segmento trabalhei um ano e oito meses. Mas já havia trabalhado com programas de alfabetização de jovens e adultos durante dois anos.</p>	<p>Percebe-se, que a maioria dos professores não possuíam experiência com os alunos da EJA, pois apenas um dos entrevistados trabalhou na área por mais de dois anos, antes de atuar com a EJA do primeiro segmento.</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 7: Questão 3

Respostas dos docentes: Após atuar como professor (a) da EJA houve algum tipo de formação inicial e continuada na área da EJA?	Análise das respostas
<p>Docente 1. Houve apenas formação inicial.</p> <p>Docente 2. Sim. Formação continuada.</p> <p>Docente 3. Houve formação inicial e continuada na primeira vez que trabalhei, no entanto, após a segunda vez, teve apenas formação continuada, que resumia-se na entrega das documentações que eram exigidas mensalmente dos alunos, como as avaliações e fotografias para provar que os estudantes estavam realmente participando das aulas.</p>	<p>É possível observar pelas respostas, que existiu uma formação. Porém não aconteceu de forma continuada ou adequada para os professores que trabalham com adultos. “Entende-se que as políticas e ações governamentais deveriam garantir a formação básica e continuada de educadores de jovens e adultos”. (FUMES; CAVALCANTE, 2006, p.17)</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 8: Questão 4

Respostas dos docentes: Quais são as maiores dificuldades dos alunos da EJA?	Análise das respostas
<p>Docente 1. As dificuldades são muitas: o cansaço, a visão que não ajuda muito... mas a maioria são bem interessados e pretendem aprender a escrever, alguns alegam ter vergonha de colocar o dedo na hora de assinar alguma coisa.</p> <p>Docente 2. Na época a maior dificuldade do aluno era ter que estudar e trabalhar.</p> <p>Docente 3. A maior dificuldade é manter a frequência, por conta do cansaço do trabalho que realizam durante o dia, as mulheres reclamam que além de trabalhar na roça, ainda tem os afazeres domésticos, os quais não permitem um tempo maior para as mesmas poderem estudar. E ainda tem as reclamações dos adultos, que não enxergam e não possuem dinheiro para realizar um exame de vista.</p>	<p>Através das respostas é possível compreender, que o cansaço ocasionado pelo trabalho realizado no dia a dia dessas pessoas é uma das principais dificuldades dos discentes da EJA.</p> <p>Contudo não é a única dificuldade encontrada pelos estudantes, o problema da visão, foi relatado por duas das entrevistadas, pois a maioria não tem condições de fazer uma consulta com o oftalmologista. A jornada de trabalho dupla realizada pelas mulheres, também foi apontada como uma das dificuldades. “O cansaço, em razão dessa dupla jornada de atividades, causa desmotivação fazendo com que, muitas vezes esses jovens ou adultos optem pelo trabalho e não prossigam com seus estudos”. (MONTEIRO,2018, p.308)</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 9: Questão 5

Respostas dos docentes: Quais são as maiores facilidades dos alunos da EJA?	Análise das respostas
<p>Docente 1. Não existe muitas facilidades, todos têm uma rotina muito</p>	<p>Os estudantes possuem uma facilidade maior para se expressarem diante de</p>

<p>corrida, trabalho pesado no roçado e só vão à escola porque tem mesmo interesse em aprender.</p> <p>Docente 2. A grande facilidade do aluno da EJA, é falar sobre o conteúdo abordado sendo o mesmo feito parte de sua vida. Por mais que eles não saiba ler ou escrever, mas eles conseguem abordar com muita clareza, sobre o que está, sendo falado.</p> <p>Docente 3. Por terem conhecimento de mundo eles conseguem assimilar com maior facilidade as atividades que são propostas.</p>	<p>certos assuntos, pela experiência de vida dos mesmos. Isso nos leva a entender a importância de valorizar o conhecimento que cada aluno possui. “Por isso, precisa partir dos elementos que compõem a realidade do alfabetizando, seu mundo do trabalho, suas relações sociais, suas crenças seus valores”. (SCHWARTZ, 2013, p.74), nesse sentido Brasil diz que: É importante que os sistemas de ensino, as escolas e os profissionais da educação envolvidos na oferta da Educação Escolar Quilombola considerem as formas por meio das quais os estudantes quilombolas aprendem, na vivência da comunidade, na relação com o mundo do trabalho, as tradições e a oralidade e como esses fatores se articulam com o conhecimento e a aprendizagem produzidos no contexto escolar. (BRASIL, 2013, p.465), é preciso considerar as maneiras de aprendizagem dos alunos quilombolas, e seus métodos de produção do conhecimento.</p>
---	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 10: Questão 6

<p>Respostas dos docentes: Quais são os maiores desafios de ser um professor (a) da turma de EJA?</p>	<p>Análise das respostas</p>

<p>Docente 1. É fazer com que os alunos não desistam. A evasão é muito grande.</p> <p>Docente 2. Transmitir o conhecimento para eles. Tentando envolver cada um no assunto determinado e falando as coisas com muito cuidado para não ofende-los em alguma coisa.</p> <p>Docente 3. Motivar os alunos para não ter desistência, visto que a maioria acha que são velhos e que não vão conseguir aprender.</p>	<p>Foi possível verificar que dois dos entrevistados, deixam evidente que um dos desafios é manter os alunos em sala de aula, pois uma grande quantidade de estudantes, abandonam o curso antes de concluir, por estarem desmotivados achando que são velhos para aprender.</p> <p>O cuidado com a forma que se deve tratar os discentes, também foi colocado como um desafio para os professores da EJA.</p> <p>“De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”.</p> <p>(FREIRE, 1987, p.28)</p>
--	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 11: Questão 7

<p>Respostas dos docentes: O material disponibilizado para os alunos da EJA, são adequados para a idade dos mesmos? Ou possuem conteúdos infantilizados?</p>	<p>Análise das respostas</p>
<p>Docente 1. Os materiais não são adequados, e os que são disponibilizados não são suficientes.</p> <p>Docente 2. Sim.</p> <p>Docente 3. Não. Os materiais didáticos muitas vezes são improvisados e os</p>	<p>Os materiais são inadequados por apresentarem conteúdos voltado para o público infantil, e por não terem um planejamento adequado.</p> <p>“Toda bibliografia deve refletir uma intensão fundamental de quem a</p>

livros possuem vários conteúdos infantilizados.	elabora: a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta”. (FREIRE, 1981, p.08)
---	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 12: Questão 8

Respostas dos docentes: Se os materiais disponibilizados possuem conteúdos infantilizados, qual a reação dos alunos diante desses conteúdos?	Análise das respostas
<p>Docente 1. Nunca apliquei tal conteúdo, quando é disponibilizado tal conteúdo eu aprimoro.</p> <p>Docente 2. Havia alguns conteúdos que eles já tinham visto na sua infância, mas que ao ser lembrado eles interagiram, e gostava, no entanto cada um comentava como era na sua infância.</p> <p>Docente 3. Geralmente eles se recusam a realizar as atividades.</p>	Alguns alunos interagem relatando fatos que aconteceram durante a infância. No entanto, os demais discentes apresentam resistência para desenvolver as atividades que são propostas com conteúdos infantilizados.

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 13: Questão 9

Respostas dos docentes: Qual a melhor maneira de motivar os alunos a não desistirem do curso?	Análise das respostas
Docente 1. O diálogo é muito importante, para o incentivo a não evasão: sempre aprimoro o conteúdo em	A criatividade aparece como uma forma de estímulo, para despertar o interesse dos alunos, desta forma, as aulas não se

<p>forma de dinâmica para não ficar muito cansativo.</p> <p>Docente 2. Na época era muito difícil segurar o aluno na turma, pois a dificuldade era maior para as pessoas. Os alunos interessados no curso se reclamavam muito de estarem cansados por terem de trabalhar de dia e estudar à noite, mas nós como professores e professoras, entendemos a situação, mas usamos todas as estratégias possíveis para eles permanecessem, e não desistirem, corri atrás deles para que eles viessem e não desistissem mas no fim do curso sempre desistia alguns.</p> <p>Docente 3. Ser dinâmico.</p>	<p>tornam monótonas e não ocasionam a desistência dos discentes. Nesse ponto de vista o professor aparece como, o principal incentivador desses estudantes. “(...) o mais importante motivo, ou para se evadir, ou para vencer o medo e conseguir construir a aprendizagem, isso dependerá da intervenção do professor nesse sentido. (SCHWARTZ, 2013, p.69)</p>
--	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 14: Questão 10

<p>Respostas dos docentes: Há muita evasão? Quais são os motivos apontados pelos alunos desistentes?</p>	<p>Análise das respostas</p>
<p>Docente 1. A evasão é razoável. Os desistentes sempre alegam o cansaço advindo do trabalho.</p> <p>Docente 2. Sim. Em 2008 minha turma tinha 27 alunos, terminei o curso apenas com 12, e os motivos eram os mesmos, cansaço, preguiça depois de um dia de trabalho.</p>	<p>Existe evasão nas turmas da EJA, e a causa é a fadiga pelo trabalho intenso que é realizado pelos estudantes durante o dia.</p>

Docente 3. Sim. Pelo fato de trabalhar o dia inteiro os alunos não têm disposição para estudar a noite.	
--	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 15: Questão 11

Respostas dos docentes:	Análise das respostas
<p>Visto que a comunidade é quilombola, a escola proporciona formação inicial e continuada sobre educação escolar quilombola? Se não, como você faz para trabalhar a educação escolar quilombola?</p>	
<p>Docente 1. Não, partindo da escola não é ofertado formação escolar quilombola. O professor tem que estudar para assim poder ensinar.</p> <p>Docente 2. Em 2008, a comunidade, não era reconhecida como quilombola. Então ninguém, ainda não conhecia realmente sua origem.</p> <p>Docente 3. A escola não oferece formação. O professor tem que realizar pesquisas por conta própria.</p>	<p>A escola não oferta formação escolar quilombola, o professor por conta própria esforça-se para realizar pesquisas e obter algum conhecimento sobre o assunto. “Ao se analisar a realidade educacional dos quilombolas, observa-se que só o fato de uma instituição escolar estar localizada em uma dessas comunidades ou atender a crianças, adolescentes, jovens e adultos residentes nesses territórios não assegura que o ensino por ela ministrado, (...)” (BRASIL, 2013, p.47)</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 16: Questão 12

Respostas dos docentes: Na sua opinião a educação escolar quilombola está	Análise das respostas
---	-----------------------

<p>sendo contemplada na EJA? Se sim de que forma? Se não o que está faltando?</p>	
<p>Docente 1. Não, na EJA a educação escolar não foi contemplada. Está faltando a contemplação de uma disciplina e de formação continuada para os professores voltada para área.</p> <p>Docente 2. Não. Na época não se conhecia nem o termo educação escolar quilombola.</p> <p>Docente 3. Não. Falta formação inicial e continuada para trabalhar com a educação escolar quilombola.</p>	<p>A educação escolar quilombola não está sendo ofertada. É imprescindível formação inicial e continuada, para os professores se apropriarem dessa modalidade. “A formação de professores para atuação na Educação Escolar Quilombola tem um sentido de urgência. A necessidade de garantir o direito desses docentes à sua formação, bem como de consolidar a Educação Escolar Quilombola como modalidade de Educação Básica, (...)” (BRASIL, 2013, p.470)</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 17: Questão 13

<p>Respostas dos docentes: Quais foram suas descobertas ao longo do processo de ensino- aprendizagem com os alunos da EJA?</p>	<p>Análise das respostas</p>
<p>Docente 1. A minha maior descoberta é: “nunca é tarde para aprender”. Aprendi muito com os meus alunos: eles têm conhecimento de mundo de vida... só precisam aprender a passar tudo para o papel.</p> <p>Docente 2. A força de vontade por parte dos alunos em aprender, por mais que</p>	<p>Os alunos da EJA possuem determinação e buscam instruir-se mesmo diante das dificuldades e tem um vasto conhecimento de mundo pelas experiências que já passaram ao longo de suas vidas.</p>

<p>surgissem as dificuldades, eles estavam ali com o único propósito o de aprender. O que tornava-se o ensino mais prazeroso.</p> <p>Docente 3. São alunos que tem um conhecimento riquíssimo em relação ao meio em que vivem, facilitando a aprendizagem dos mesmos.</p>	
--	--

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 18: Questão 14

<p>Respostas dos docentes: Na sua opinião, os alunos da EJA que foram aprovados em sua turma realmente estavam aptos para cursar a série seguinte a qual foram submetidos? Se não, porque foram aprovados?</p>	<p>Análise das respostas</p>
<p>Docente 1. Sim, todos que aprovei estavam aptos.</p> <p>Docente 2. Não. Foram aprovados para série seguinte para desenvolver melhor a leitura e escrita.</p> <p>Docente 3. Não. Existe uma pressão para que os professores aprovem esses alunos, para que haja uma diminuição no índice de analfabetos.</p>	<p>Os discentes não estavam prontos para dar continuidade. Porém foram aprovados para aprimorar a escrita e a leitura. Desta forma o índice de analfabetos acaba diminuindo no município. Porém quando pesquisas como, o IBGE e avaliações externas, são realizadas com esses estudantes percebe-se que o número de analfabetos não diminuiu.</p>

Fonte: Elizângela, 2019.

Quadro 19: Questão 15

<p>Respostas dos docentes: De acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE, em Alagoas existe um número relevante de analfabetos. Na sua opinião, ao que você atribui esse número tão expressivo de analfabetos, diante de tantos programas de alfabetização que são ofertados?</p>	<p>Análise das respostas</p>
<p>Docente 1. Como os meus alunos têm idades variadas a partir dos 50 anos, acredito que vem da construção social, onde as mulheres por sua vez eram as mais afetadas, diante da vida difícil e a escassez de escola tinha que trabalhar desde criança, com 5 anos já trabalhava no alugado. Já nasciam diante do machismo e das privações. Em um trabalho de pesquisa com os meus alunos todos alegaram que o seu sonho de adolescente era ser dona de casa e cuidar dos filhos.</p> <p>Docente 2. Na minha opinião, o índice de analfabeto existe e sempre vai existir, porque as pessoas desistiram na infância, por falta de oportunidade, e no decorrer do tempo quando apareceu esses cursos para diminuir o índice de analfabetos, muitos acham que é tarde para aprender, acham que não consegue mais. Muitos se interessam pelo curso, mas com o pensamento que não será mais possível aprender.</p>	<p>Por deixarem de estudar, por conta do trabalho que desenvolvem desde criança, pela formação social, pela falta de oportunidade, alguns não acreditam que ainda podem aprender, outros por terem sido aprovados indevidamente e pela carência em relação a oferta de cursos para os estudantes que estão em processo de aprendizagem, deem continuidade aos estudos. Para Freire, Ferreiro e Vygotsky (MOURA, 2001 ANO, p.180)</p> <p>Os três acreditam que as causas do analfabetismo não se relacionam tão somente a problemas de ordem política, econômica e social, mas também a fatores pedagógicos. Nesse sentido desnudam as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, criticando a forma como as escolas e os professores concebem a alfabetização o ato mecânico de aquisição de um código alfabético, a forma como concebem e ensinam a linguagem escrita e a forma</p>

<p>Docente 3. A desistência de alguns alunos durante o curso, a aprovação de alguns para a série seguinte sem estarem aptos, e por falta de continuidade da oferta dos cursos que são ofertados aos alunos.</p>	<p>como tratam os alunos, como planejam, desenvolvem e utilizam os métodos (...). Nessa perspectiva as instituições de ensino precisam implementar ações que assegurem a permanência e a aprendizagem dos alunos e rever as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas para os alunos da EJA, juntamente com os professores.</p>
--	--

Fonte: Elizângela, 2019.

4.1.Resultado da análise

Quadro 20: Resultado final

A análise foi realizada a partir das respostas obtidas através do questionário respondido pelas entrevistadas. Desta maneira foi possível perceber as principais dificuldades encontradas pelas professoras da educação de jovens e adultos da comunidade Moreira de Baixo.

Por não ter uma formação adequada, os docentes encontram obstáculos para oferecer um ensino que seja apropriada aos alunos da EJA. “Assim, entendemos que não é possível continuarmos improvisando educadores e alfabetizadores de jovens e adultos”. (MOURA, 2001, p.100).

Conforme moura, os alfabetizadores reproduzem da mesma maneira o processo de ensino ao qual foram submetidos.

As dificuldades dos discentes estão relacionadas a jornada de trabalho efetuada pelos mesmos, pois de certa forma contribui com a desistência dos estudantes, ocorrendo simultaneamente com outros fatores que influenciam na evasão escolar como: a baixa visão, por se acharem velhos para aprender, o modo como são tratados e os conteúdos infantilizados.

De acordo com Moura:

O despreparo da escola para o trabalho com a EJA é no mínimo preocupante, refiro-me principalmente aos alarmantes índices de repetência e evasão que traz como consequência um alto índice de analfabetismo no Brasil especialmente no Nordeste.

E o que é mais grave em relação a esse despreparo encontra-se no fato da escola tratar os educandos como se fossem uma folha de “papel em branco”, sem nenhum conhecimento e ou transmitir conteúdos que pouco significam para esses alunos. (MOURA, 2008, p.145).

Desta forma, a escola não seria responsável pela falta de êxito do aluno, o próprio discente é visto como o único culpado pelo o seu fracasso escolar. “Por falta de aptidão para as atividades intelectuais, não conseguem acompanhar e aprender o conteúdo que é dado na escola.” (MOURA, 2008, p.147). É necessário que a escola entenda quem são os alunos que buscam a instituição, “o aluno da EJA se vê, geralmente, como alguém que “não sabe de nada”, e a escola é o lugar aonde ele vai, justamente, para aprender coisas novas”. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.37), para conseguir traçar metodologias e objetivos que possam alcançar o propósito desses estudantes, contribuindo com a formação dos mesmos, precisamos conhecer, entender e considerar toda experiência que esses estudantes possuem. “Criando condições para que essas pessoas tenham acesso a uma escola diferenciada que invista na formação de cidadãos autônomos e críticos”. (TAMAROZZI, COSTA, 2009, p.36).

No âmbito da educação escolar quilombola, é importante destacar que foi elaborada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola que regulamenta esta modalidade, a mesma é direcionada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e conforme essas diretrizes:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2013, p.46)

No entanto percebemos através da pesquisa, que não está acontecendo um ensino que contemple as especificidades étnico-cultural da comunidade Moreira de Baixo, por tanto esses direitos estão sendo negados aos moradores.

Fonte: Elizângela, 2019.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa não visa uma mudança expressiva no ensino da educação escolar da EJA, a partir dos estudos que foram realizados, contudo busca contribuir para que haja uma reflexão sobre a qualidade do ensino que está sendo ofertado para os remanescentes quilombolas que habitam no Moreira de Baixo.

Nessa perspectiva, o estudo foi realizado com o intuito de conhecer a história da EJA, no qual relatamos alguns acontecimentos, decorridos durante um certo período da história da educação de jovens e adultos no Brasil, assim, realizou-se, uma retrospectiva sobre a formação da comunidade quilombola Moreira de Baixo, proporcionando conhecimento acerca dos antepassados e sua sobrevivência.

Esta análise possibilitou identificar, que se faz necessário ter formação inicial e continuada para os professores que atuam na educação de jovens e adultos; como para os docentes que atuam em comunidades quilombolas. Visto que, os alunos que são atendidos por estes docentes possuem a necessidade de voltar a estudar para aprimorar os conhecimentos que os mesmos já possuem, pois dessa forma cria-se oportunidades, para que os estudantes consigam ingressar no mercado de trabalho.

O estudo nos mostra a importância dos conteúdos, para contemplar as especificidades dos estudantes das comunidades remanescentes de quilombo, no sentido de trabalhar com os discentes as questões históricas, sociais e culturais dos mesmos. Desta forma, torna-se possível realizar um ensino com significação, respeitando o conhecimento que os discentes possuem, e tornando-os protagonistas de suas histórias, logo contribuindo com o desenvolvimento e aprendizagem.

Enfim, isto nos leva a compreender que, através dos conhecimentos científicos, podemos deixar claro os objetivos e as maneiras de intervenções metodológicas que estão envolvidas no processo de apropriação de saberes e na maneira de ação, contribuindo para a formação dos discentes. Neste sentido, os professores que atuam em comunidades remanescentes de quilombos, precisam refletir sobre suas práticas em relação a formação dos estudantes, quanto ao entendimento pela promoção da igualdade e pelo fortalecimento das identidades e dos direitos. Esperemos, apesar dos limites de nossa investigação, proporcionar a construção de outras pesquisas, em relação aos interesses e demandas em educação escolar quilombola, da Comunidade Moreira de Baixo.

REFERÊNCIAS

Banco do Nordeste, **crediamigo**, disponível em: <https://www.bnb.gov.br/06/12/2018>. Acesso em 29/01/2019, às 23:30.

BARDIN, Laurence. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa_ edições, 70, 225.pdf.

BASILIO, Corina Prado. E-Tec Brasil: **a educação a serviço do capital**. – 2011. 90 f.

BERTOLDO, Edna. **Trabalho e educação no Brasil**: da centralidade do trabalho à centralidade da política. Maceió: EDUFAL, 2009.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96

BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Seção 1, p.8 – 79. Parecer CNE/CEB Nº: 16/2012.

BRASIL, / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**, Brasília: SECAD, 2010. 264 pg.; il.

CABRAL, Renan. **1959. Das Ideias à Ação, a Sudene de Celso Furtado – Oportunidade Histórica e Resistência Conservadora**. Cadernos do Desenvolvimento. – Ano 1, n.1 (2006) Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2006.

FUMES; CAVALCANTE, org. **Formação de professores: prática, história e cultura**. Maceió: EDUFAL, 2006. 127p.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 149 p. (O Mundo, Hoje, v. 10)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, paz e terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas, **Comunidades Quilombolas de Alagoas**, disponível em: <https://www.iteral.al.gov.br>, acesso em 22/02/2019, às 24:39.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

Ministério da educação, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>. Acesso em 15 de janeiro de 2019, às 22:39.

MONTEIRO, Dirce Charara ... [et al.]. org. **Processos de ensino: Perspectivas plurais** - 2. Ed. – Araraquara: Junqueira & Marim, 2018. recurso digital: il.

MOURA, Tania Maria de Melo, org. **A formação de professores (as) para a educação de jovens e adultos em questão** - Maceió: EDUFAL, 2005. 116 p.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. - Maceió; EDUFAL, 2001. 220p.

MOURA, Tania Maria de Melo, org. **Educação de jovens e adultos**: currículo trabalho docente, prática de alfabetização e letramento/ Maceió: EDUFAL, 2008. 156 p.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil**. 6ª edição revistas e ampliada: outubro de 2003, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1972.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pedagogia, Ciência da Educação**. (Org.) 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. Textos de Libâneo, José Carlos. et.al.; – 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA. **Educação Escolar Quilombola: Limites e Perspectivas** – Palmeira dos Índios: Facesta, 2015. 96p.: il.

SOUZA Cassia Leslei Garcia de; PASSOS Marinez Meneghello; PASSOS Angela Meneghello. **É bom aprender/ educação de jovens e adultos**. 1. Ed.—São Paulo: FTD, 2009.

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. / **Educação de Jovens e Adultos**. / 2.ed. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 296 p.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR (A) DA EJA

Dados de identificação do professor (a)

Nome: _____

Idade: _____

Curso: _____

1. Durante o período do seu curso, houve oferta de disciplinas voltadas para a formação inicial, para professores na área da EJA? E para a educação escolar quilombola?
2. Há quanto tempo trabalha com a EJA?
3. Após atuar como professor (a) da EJA houve algum tipo de formação inicial e continuada na área da EJA?
4. Quais são as maiores dificuldades dos alunos da EJA?
5. Quais são as maiores facilidades dos alunos da EJA?
6. Quais são os maiores desafios de ser um professor (a) da turma de EJA?
7. O material disponibilizado para os alunos da EJA, são adequados para a idade dos mesmos? Ou possuem conteúdos infantilizados?
8. Se os materiais disponibilizados possuem conteúdos infantilizados, qual a reação dos alunos diante desses conteúdos?
9. Qual a melhor maneira de motivar os alunos a não desistirem do curso?
10. Há muita evasão? Quais são os motivos apontados pelos alunos desistentes?

11. Visto que a comunidade é quilombola, a escola proporciona formação inicial e continuada sobre educação escolar quilombola? Se não, como você faz para trabalhar a educação escolar quilombola?
12. Na sua opinião a educação escolar quilombola está sendo contemplada? Se sim de que forma? Se não o que está faltando?
13. Quais foram suas descobertas ao longo do processo de ensino- aprendizagem com os alunos da EJA?
14. Na sua opinião, os alunos da EJA que foram aprovados em sua turma realmente estavam aptos para cursar a série seguinte a qual foram submetidos? Se não, porque foram aprovados?
15. De acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE, em Alagoas existe um número relevante de analfabetos. Na sua opinião, ao que você atribui esse número tão expressivo de analfabetos, diante de tantos programas de alfabetização que são ofertados?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES MAIS ANTIGOS DO MOREIRA DE BAIXO

Dados de identificação dos entrevistados

Nome: _____

Idade: _____

- 1- Quem foram os primeiros moradores do Moreira de Baixo?
- 2- Porque a comunidade recebeu o nome Moreira de Baixo?
- 3- Como foi realizada a divisão das terras do Moreira de Baixo?
- 4- Descreva como eram as casas nessa época.
- 5- Do que eram feitos os utensílios domésticos desse período?

- 6- Nessa época as pessoas trabalhavam em que no quilombo?
- 7- Quais eram os tipos de alimentos que eram produzidos?
- 8- Que tipo de animais os moradores criavam?
- 9- Quais as manifestações culturais que havia na comunidade?
- 10- Nesse período havia escolas na comunidade?
- 11- Havia energia elétrica nesse tempo?

FIGURA 1: ARTESANATO DAS IRMÃS GONÇALVES



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

FIGURA 2: BARREIRO



Fonte: Arquivo pessoal

FIGURA 3: CISTERNA DE PLACAS



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

FIGURA 4: COLETA DE LIXO



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

FIGURA 5: ESCOLA



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

FIGURA 6: ESCOLA



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

FIGURA 7: FORNO DE CAL



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

FIGURA 8: HORTA



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

FIGURA 9: IGREJAS



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

FIGURA 10: PLANTA DA ESCOLA



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

FIGURA 11: VISTA PARCIAL DA COMUNIDADE



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

ANEXOS

QUADRO 3: COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ALAGOAS.

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
01	Água Branca	Lagoa das Pedras	Certificada em 19/11/09	50
02	Água Branca	Barro Preto	Idem	50
03	Água Branca	Serra das Viúvas	Idem	50
04	Água Branca	Cal	Certificada em 27/12/10	50
05	Água Branca	Pov. Moreira de Baixo	Certificada em 02/02/15	120
06	Anadia	Jaqueira	Idem	35
07	Arapiraca	Carrasco	Certificada em 13/03/07	290
08	Arapiraca	Pau D'arco	Certificada em 07/02/07	510
09	Batalha	Cajá dos Negros	Certificada em 19/04/05	86
10	Belém	Serra dos Bangas	Certificada em 03/07/14	80
11	Cacimbinhas	Guaxinim	Certificada em 13/12/06	90
12	Canapi	Mundumbi	Certificada em 27/12/10	64
13	Canapi	Sítio Alto de Negras	Idem	60
14	Canapi	Tupete	Idem	73
15	Carneiro	Sítio Lagoa do Algodão	Idem	50
16	Delmiro Gouveia	Povoado da Cruz	Certificada em 19/04/05	72
17	Igreja Nova	Sapé	Certificada em 19/11/09	100
18	Igreja Nova	Palmeira dos Negros	Certificada em 08/06/05	220
19	Igaci	Sítio Serra Verde	Certificada em 27/12/10	200

20	Japaratinga	Macuca	Certificada em 19/11/09	27
21	Jacaré dos Homens	Alto da Madeira	Idem	45
22	Jacaré dos Homens	Povoado Porção	Certificada em 27/12/10	30
23	Jacaré dos Homens	Povoado Baixa	Idem	77
24	Jacaré dos Homens	Povoado Ribeiras	Certificada em 07/02/11	30
25	Monteirópolis	Paus Pretos	Certificada em 25/05/05	200
26	Major Isidoro	Puxinanã	Certificada em 13/12/06	62
27	Olho D'Água das Flores	Aguazinha	Certificada em 19/11/09	30
28	Olho D'Água das Flores	Guarani	Idem	45
29	Olho D'água das Flores	Gameleiro	Certificada em 10/04/08	65
30	Olho D'água do Casado	Alto da Boa Vista	Certificada em 07/04/15	85
31	Pariconha	Burnio	Certificada em 19/11/09	50
32	Pariconha	Melancias	Certificada em 27/12/10	30
33	Pariconha	Malhada Vermelha	Certificada em 19/11/09	15
34	Passo do Camaragibe	Bom Despacho	Idem	208
35	Passo do Camaragibe	Perpétua	Certificada em 27/12/10	28
36	Piranhas	Sítio Laje	Idem	30
37	Piaçabuçu	Pixaim	Certificada em 19/11/09	25
38	Pão de Açúcar	Chifre do Bode	Certificada em 28/07/06	66
39	Pão de Açúcar	Poço do Sal	Certificada em 28/07/06	37

40	Penedo	Tabuleiro dos Negros	Certificada em 01/03/07	425
41	Penedo	Oiteiro	Certificada em 13/12/06	160
42	Poço das Trincheiras	Jorge	Certificada em 08/06/05	125
43	Poço das Trincheiras	Alto do Tamanduá	Certificada em 19/04/05	300
44	Poço das Trincheiras	Jacu	Certificada em 19/04/05	85
45	Poço das Trincheiras	Mocó	Certificada em 19/04/05	80
46	Palmeira dos Índios	Povoado Tabacaria	Certificada em 30/09/05	92
47	Palestina	Vila Santo Antônio	Certificada em 05/05/09	300
48	Palestina	Santa Filomena	19/11/09	40
49	Santa Luzia do Norte	Quilombo	Certificada em 19/04/05	350
50	Santana do Mundaú	Filús	Certificada em 28/07/06	40
51	Santana do Mundaú	Jussarinha	Certificada em 19/11/09	34
52	Santana do Mundaú	Mariana	Idem	35
53	São José da Tapera	Caboclo	Idem	50
54	São José da Tapera	Cacimba do Barro	Idem	35
55	Senador Rui Palmeira	Serrinha dos Cocos	Idem	25
56	Taquarana	Mameluco	Certificada em 13/12/06	160
57	Taquarana	Lagoa do Coxo	Certificada em 27/12/2010	35
58	Taquarana	Poços do Lunga	Certificada em 07/06/06	65

59	Taquarana	Passagem do Vigário	Certificada em 19/11/09	170
60	Teotônio Vilela	Abobreiras	Idem	30
61	Teotônio Vilela	Birrus	Idem	32
62	Traipu	Belo Horizonte	Idem	60
63	Traipu	Uruçu	Idem	50
64	Traipu	Mumbaça	Certificada em 27/12/10	401
65	Traipu	Lagoa do Tabuleiro	Idem	30
66	Viçosa	Gurgumba	Idem	25
67	Viçosa	Sabalangá	Idem	100
68	União dos Palmares	Muquém	Certificada em 19/04/05	120

Fonte: ITERAL

QUADRO 4: COMUNIDADE EM PROCESSO DE RECONHECIMENTO.

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
1	Senador Rui Palmeira	Lajeiro Bonito	Em estudo	20

Fonte: ITERAL

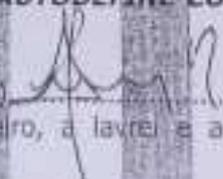
FIGURA 12: CERTIDÃO DE AUTO IDENTIFICAÇÃO


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1.º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2.º, §§ 1.º e 2.º, art. 3.º, § 4.º do Decreto n.º 1.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1.º e 5.º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.013947/2014-14 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE POVOADO DE MOREIRA DE BAIXO** localizada no município de Água Branca/AL, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 017, Registro nº 2.196, fl.016, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Alexandro Reis**, (Ass.) , Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **21 de Janeiro de 2015.**

O referido é verdade e dou fé.


Jose Hilton Santos Almeida
Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP

SGAN Qd. S01 Norte - Lote 1 - Ed. ATF - Brasília/DF
CEP: 71830-010 Fone: (61) 3424-0101 site: www.palmares.gov.br

FIGURA 13: CNPJ DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA MOREIRA DE BAIXO

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA		
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 20.550.796/0001-63 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	DATA DE ABERTURA 07/10/2013
NOME EMPRESARIAL ASSOCIACAO QUILOMBOLA DO POVOADO MOREIRA DE BAIXO		
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) *****	PORTE DEMAIS	
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL *****		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não Informada		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 399-9 - Associação Privada		
LOGRADOURO *****	NÚMERO *****	COMPLEMENTO *****
CEP *****	BAIRRO/DISTRITO *****	MUNICÍPIO *****
		UF **
ENDEREÇO ELETRÔNICO	TELEFONE (82) 9646-2882	
ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR) *****		
SITUAÇÃO CADASTRAL INAPTA	DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 22/01/2019	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL OMISSAO DE DECLARACOES		
SITUAÇÃO ESPECIAL *****	DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	